Revista do Ensino

ORGAM OFFICIAL

DA DIRECTORIA DA INSTRUCÇÃO

ANNO I — Bello Horizonte, — Outubro de 1925 — N.º 8

SUMMARIO

PEDAGOGIA—O valor educativo do vocabulario.—As mentiras infantis — Methodologia — A Educação dos anormaes — O ensino pelo cinema — Idéas geraes sobre o ensino primario em nossa terra — HISTORIA E LITERATURA — Joaquim Silvério dos Reis — Lira de Gonzaga alleviva ao visconde de Barbacena — A musica na Escola — Ás crenças do grupo Escolar «Coronel Coelho», em Capellinha — Idéa de Patria — SECÇÃO RECREATIVA — Folk-Lorismo, A Yara — Jogos activos — SECÇÃO OFFICIAL — Professores elogiados.

PEDAGOGIA

O valor educativo do vocabulario

CLAUDIO BRANDÃO

I

Si o vocabulario é o elemento vital do conhecimento de qualquer idioma, de ponto lhe sóbe a relevancia no ensino do vernaculo, centro e chave de todo o edificio mental.

São as palavras o estôjo em que se talha o pensamento, a téla mysteriosa em que elle se contórna e se matiza; e, si ellas lhe não constituem a materia prima, servem, ao menos, para external-o e amplifical-o.

As associações e as dissociações verbaes, correspondendo a semelhanças e a contrastes ideologicos, tendem, por isso, a dilatar e a illuminar o campo da visão intellectiva, na razão directa do numero de vocabulos aprendidos e memorizados; ou, noutros termos, o processo ideativo é favorecido, opulentado e subtilizado pelo augmento do contingente lexical.

Daqui resalta a necessi lade de um vocabulario copioso para se expressarem, mais perfeita e nitidamente, todas as manifestações intellectualizadas de nossa synergia somatico-psychica, na extensissima escala de suas modalidades e cambiantes.

O individuo pouco imaginativo, mas assás verboso, objectiva o producto de sua inventiva frouxa com mais brilho que o individuo de creação facil, mas de lexico restricto: a riqueza expressional de um avulta, muitas vezes, o que, na essencia, é mesquinho; a pobreza vocabular do outro amesquinha, não raro, o que, em si, é vultoso.

Achar-se-ia a explicação disso no facto de se subordinarem as palavras ás mesmas leis de evocação das idéas, de que são ellas imagens. De feito, o vocabulo A suggere a idéa A', e a idéa A', evocando a idéa B', evocará tambem o vocabulo B, que a exterioriza.

Em condições psychicas normaes, abalado o primeiro élo de uma cadeia de representações contiguas ou vinculadas, perpassam, com rhythmo perfeito, no scenario mental, series inteiras de outras imagens connexas com ellas, as quaes dormitavam nas sombras do sub-consciente, e, surtas então no intellecto, arrastam comsigo o seu elemento objectivo — o termo. E' a "corrente do pensamento" de W. James.

O mesmo vocabulo, porém, póde acordar noções mui diversas, conforme a rêde representativa a que se prende. A palavra *folha*, por ex., exprimirá cousas distinctas, consoante tratar-se de botanica, de architectura, de metallurgia, de typographia, etc. Significa este facto, de tanto alcance semasiologico, que, revestindo o vocabulo accepção particular, concorde com o dominio em que figurar, suscitará idéas incluidas nesse dominio, fazendo, porém, esquecer as outras que possa traduzir, pertencentes a outro systema de representações. Zichen (1), usando um tropo feliz, denominou esse phenomeno — "constellação de idéas".

Assim, dado um termo, cabe ao professor examinar, não sómente as imagens por elle suggeridas em determinada rêde, mas tambem percorrer outras rêdes em que appareça. Esse trabalho, sobre extender o vocabulario do alumno, povôa-lhe o cerebro de noções cada vez mais numerosas e complexas, a elle sobremodo prestadías, quando, por exemplo, quizer fazer uma composição ou desenvolver um assumpto aos quaes ellas se liguem.

Estas ligeiras observações de ordem psychologica salientam a valia do vocabulario como meio de instruir e de educar, mórmente durante o estádio evo-

(1) Die Ideenassoziation des Kindes.

lutivo da criança, no qual é intensa sua receptividade verbal; nesse periodo em que as palavras e as locuções, posto incompreendidas, facilmente se lhe estampam e accumulam no cerebro, dando-lhe, no mais alto grão, esse poder de acquisição vocabular, a que Binet chama *verbalismo*.

Empregue-se, portanto, um vocabulario vasto, nessa phase de armazenagem verbal, para que as palavras, mais ou menos associadas, se multipliquem e se estratifiquem no espirito da creança, ministrando-lhe, ao mesmo tempo, material precioso para o desenvolvimento da memoria, da imaginação, da ideação, e tambem das faculdades superiores (generalização, abstração, etc.), que, mais tardiamente, irão completar-lhe a cerebração.

Experiencias feitas por Binet e Simon deixam vislumbrar a existencia de um pensamento dissociado de imagens e de palavras, sentimento intellectual indeciso, emquanto perceptivel, que se precisa, aclara, anima e amplifica, quando apparecem as imagens e as palavras.

Mas, além disso, observações iteradas e meticulosos experimentos (Binet) teem firmado o caracter fundamentalmente concreto da ideação infantil: ella se limita, em regra aos objectos materiaes existentes no ambiente em que a creança vive (casa, escola, cidade, campo, etc.) Só ulteriormente é que se apuram, se espiritualizam, se engranzam essas idéas simples, essas sensações rudimentares, essas acquisições quasi unicamente sensoriaes.

Daí nasce para o mestre o dever, não de impor ao espirito do menino palavras cujo valor não póde apprehender, que seriam para elle verdadeiros *flatus vocis*, sóidos vazios de sentido e de interesse, mas de accionar-lhe, a todo o instante, o poder de acquisição sensorial e perceptiva, mediante systemas de associações ideologicas e verbaes interessantes, que lhe caibam na visão psychica, que lhe avivem a curiosidade e lhe fixem a attenção. «La première chose à faire, c'est d'enseigner aux enfants les vocables qui designent les choses qu'ils voient, et celles dont on leur parle. Les leçons de choses sont donc aussi des leçons de mots. Elles enrichissent le vocabulaire. Nous avons déjà dit qu'il importe de ne pas séparer les signes, c'est-à-dire les mots, de la chose signifiée. *Il serait absurde de d'invoquer à la mémoire des enfants des mots qui n'auraient aucun rapport avec leur cercle habituel d'idées et de sentiments.*

Mostrem-se, pois, á creança, objectos que lhe agradem, scenas que lhe despertem o senso esthetico e moral (as peças de um edificio, um bello crepusculo, uma tempestade, uma arvore magestosa, um acto de virtude, etc), ligando aos mesmos os vocabulos adequados. Procure-se, nesse exercicio tão proficuo, não só educar os sentidos e discriminar as sensações (differenciação de côres, de fórmas de sons, de impressões tacteis, musculares, cenesthesicas) sinão tambem desenvolver a observação e a potencia creadora do menino, tanto objectiva como subjectivamente.

Mas esses exercicios exigem rigorosa disciplina da parte do mestre: obrigue o alumno a ver, a reparar, a pensar e a encontrar o meio de exprimir-se; mas evite amontoar-lhe no cerebro, profusa e tumultuariamente noções vagas e, por isso, fugidias. «Em logar de mobiliar o espirito da creança de acquisições puramente verbaes, sob o pretexto de que, mais tarde, as comprehenderá, o que importa é ministrar-lhe noções que sejam conformes á receptividade do seu julgamento e da sua comprehensão, de maneira que ella seja levada por si, naturalmente e conscientemente, a descobrir e a formular a lei, o principio, a regra. » (2) Nada de termos geraes, de expressões abstractas: p. ex. não se póde simplesmente dizer: «*inclinação, acto de inclinar*», mas deve-se *inclinar um livro*, mostrar concretamente o que é *inclinação*, mandar o menino *inclinar seu caderno, seu lapis, sua cabeça* enunciando elle verbalmente cada um desses actos, e passando depois a formar phrases em que sejam empregados os vocabulos *inclinar, inclinação*. Assim, elle percebe logo e retém duradouramente o sentido de taes termos.)

São tambem uteis algumas associações, mais por contraste do que por semelhança, pois a creança, segundo o teem demonstrado interessantes experiencias, percebe, com maior rapidez, as antitheses que as analogias.

Quando o professor propõe á consideração do menino um objecto, uma paizagem, um quadro, deve ao mesmo tempo que lhe ensina o vocabulario correlato aos mesmos, suscitar e desenvolver nelle o senso analytico, levando-o ao exame das minucias, o qual por si só não faria, pois a sua actividade animica é, por essencia, synthetica, a sua visão intellectiva é, por natureza, unitaria, a sua apprehensão, é por indole, global. Aqui está a razão pela qual se deve partir do simples para o complexo, do todo para as partes, respeitando, assim, essa percepção do conjunto, esse *syncretismo*, conforme lhe chama Claparède

Nas classes adeantadas, o estudo do lexico, além de ampliar e esclarecer noções extranhas ao dominio linguistico, accresce muito os proveitos relativos a este: estabiliza-se a orthographia: surgem interesses semanticos — synonymia, archaizagem, innovação, concreção, generalização e especialização de sentido, vocabulos compostos e derivados, etc. Como corollario, aguça-se o espirito de perquisição; apura-se o senso do valor exacto dos termos; augmenta-se a intuição da medida, que expunge do discurso as superfetações, as perissologias, os conceitos antagonicos, todos os defeitos, em summa, que, tanta vez, deslustram a elocução de homens intelligentes e cultos, mas mentalmente deseducados.

Todo o ensino do vernaculo conviria se centralizasse no vocabulario, principio aviventador e fecundo da linguagem. A elle deveriam os professores dar maior attenção, preferindo-o a essa grammatica fria e inerte, exhaustiva e esteril, á qual se

(1) E. Roehrich — Philosophie de l'éducation, pag. 166.

(2) Faria de Vasconcellos—Lições de Pedologia e Pedagogia Experimental, pag. 295.

attribúe uma importancia exaggerada, no erroneo presupposto de ter ella a magica virtude de ensinar a lingua. Em vez de fatigar-se o alumno com a memorização mecanica e inconsciente de regras aridas, de complicadissimas terminologias, de miúdas classificações, cujo sentido não colhe, cuja razão não descobre, cuja applicação não vê ou não faz, melhor fôra impregnal-o de idéas, e não aggravar-lhe a natural myopia intellectiva, extenuando-lhe a memoria, e atrophiando-lhe a reflexão. Releva que o mestre se compenetre do conselho de Montaigne: "Qu'il (o mestre) ne luy (ao alumno) demande pas seulement compte des mots de sa leçon, mais du sens et de la substance; et qu'il juge du proufit qu'il aura faict, non par le tesmoignage de sa memoire, mais de sa vie". (1)

Depois de haver apparelhado ao seu discipulo com um lexico abundante, depois de havel-o dotado com uma visão recta das cousas, então ensine-lhe a grammatica, mas viva, suggestiva, baseada na sua provisão verbal. A regra importa ser formulada pelo proprio alumno, deante de um texto ou de uma phrase a elle propostos, e, uma vez firmada, applique-a logo, numa serie extensa de exemplos, que inventará, mobilizando para isso as palavras conhecidas.

Fôra de desejar que esse processo, de resultado seguro e duravel, se empregasse através de toda a vida escolar, do curso primario até aos ultimos estudos da lingua materna, estabelecendo-se destarte, uma didactica uniforme, sobremaneira proveitosa ao estudante. E para isso bastára uma educação pedagogica bem orientada do professorado, e um pouco mais de esforço da sua parte.

No proximo numero, trataremos dos varios meios e processos de se ensinar o vocabulario.

---

(1) Essais, L. I: c. xxv.

I e II teams de basket-baal.—Alumnas do III anno da Escola Normal Modelo.

As mentiras infantis

Traducção de José Altimiras

A verdade e mentira nas relações humanas

Consideradas nos pontos extremos, a verdade e a mentira tornam-se ás vezes intoleraveis, porque, collocadas dentro de um marco social limitado pelos costumes, usanças, tradições e regras de moral, rompem o equilibrio que mantem o criterio individual com o mundo externo, sendo não só esse rompimento uma imprudencia, como tambem um perigo.

E' a verdade de tal maneira dura em certas emergencias, que nos vemos obrigados a prescindir della para possibilitar essa sociabilidade que o mundo impõe e que é tão necessaria ao homem como a verdade mesma.

Sua applicação rigida, no entanto, é para suavisado, ficando subordinada a formulas e convenções usuaes que tendem a harmonizar os interesses em conflicto, a emular as esperanças e sympathias alheias.

Não é, pois, verdadeiro, em seu caracter essencial, o principio basico do conceito moral que re-

clama medidas inadiaveis de orientação educativa, contra as ficções infantis, porque si desapparecesse a mentira com seu sequito de ficções e apparencias, a existencia reduzir-se-ia a uma paizagem arida, triste e sombria.

A verdade tem direitos indiscutiveis, como a mentira os tem adquiridos. Tanto na ordem da sciencias como no campo administractivo a adulteração da verdade é uma forma negativa do progresso, forma que corrompe e desnorteia; não se concebe o mesmo, porém, nas relações sociaes e nas manifestações da arte, onde é impossivel applicar seus principios austeros sem destruir ao mesmo tempo as leis da esthetica e do bom gosto, que desempenha papel assáz saliente no motor exclusivo do sentimento.

E' dever estricto reconhecer os fóros inviolada verdade, o conhecimento intimo de seu alcance e de sua funcção suprema, quando nella se alicerçam o bem publico, o triumpho da sciencia e a ante-visão do porvir.

As gerações pugnaram pela verdade porque é ella o *dever do certo e a honra da consciencia*. Esta feição da verdade, onde se aninha tranquillo o espirito collectivo, é a que deve arraigar-se por todos os meios, para nella firmar-se o bem-estar geral, para ampliar e manter a confiança mutua em uma aura de optimismo e de fé, de resultados fecundos e inestimaveis.

Assiste, portanto, ao educador, combater a mentira nociva, essa mentira que engendra a satisfacção pessoal em detrimento da sociedade e da propria consciencia; luctar contra o ardil, a traição e a fraude, razões sufficientes da exploração da ignorancia e da bôa fé de outrem; extirpar, sobretudo, a mentira perversa que destroe, avilta, infama.

Não fazem parte da mentira esses mil meneios com que a phantasia aformoseia a natureza; as innumeraveis modalidades da arte, que nos empolgam e electrizam; as flores fragrantes do pensamento, as illusões e os ideaes, os gestos de cortezia que não deixam de agradar, porque são bellas mentirolas que dessedentam o espirito sequioso, neste mundo de realidades dolorosas.

A mentira em sua origem e aspectos psychologicos

O estudo da mentra na creança é fundado em causas de ordem psychologica e de caracter social, cuja distincção é imprescindivel afim de que se possa determinar de modo concreto a possibilidade de combatel-a, conforme tal tendencia se manifeste como vicio natural ou adquirido.

O primeiro passo a dar é conhecer si a mentira nas creanças é uma manifestação de cunho geral para, no caso affirmativo, investigar a essencia da mesma.

Das multiplas pesquizas realizadas pelos psychologos, chegou-se á conclusão de que todos os meninos mentem.

Quanto á natureza da mentira, achamo-nos em face da theoria do inneismo, sustentada pela theologia medieica e admittida por Montaigne, Roth e outros auctores eminentes; os pedagogos contemporaneos, porém, mais de accordo com os exitos da experiencia e mais escrupulosos no attinente ao desenvolvimento das funcções mentaes, rejeitam a dita hypothese e acceitam a de certos motivos peculiares á infancia: temor, phantasia, exuberancia imaginativa, falta de siso, etc., assim como outras razões de caracter social, observando-se a influencia do ambiente até nos mesmos casos de natureza pathologica.

O menino mente para viver de accordo com o mundo illusorio em que se acha. Vive em suas mentiras como na realidade de um sonho que não sabe e nem pode analysar e que responde as impressões com o impulso phantastico de suas creações irreaes que um juizo nascente e imperfeito dirige.

Acceita frequentemente as apparencias como realidades e perlustra um roteiro confuso para a solução e explanação dos factos.

Mente a creança, porque tem pouca memoria, uma grande proclividade para objectivar, demasiada suggestão, experiencia reduzida, escasso poder logico e uma linguagem pobre e inadequada. Mente para libertar-se do castigo, por egoismo, imitação, vergonha e, por vezes, por sympathia, vaidade e ostentação.

Considerados estes motivos primordiaes, dividem-se as mentiras em duas grandes categorias: mentiras apparentes ou falsas affirmações e mentiras reaes.

Por motivos psychologicos fallecem aquellas de toda responsabilidade, não acontecendo o mesmo com as mentiras reaes, porque contêm o factor intencional e implicam o deliberado proposito de falsear a verdade com fins proveitosos ou convencionaes.

Sua intensidade malefica offerece uma escala variada, desde a perturbação até o delicto. São estas que exigem vigilancia do educador.

E' de alvitre advertir que na especie das mentiras reaes, ha umas que por ingenuas e inoffensivas, são toleraveis e imprescindiveis á condição do menino. Taes são as que a creança enreda, ás vezes, quando cêde á tendencia instinctiva da imitação, companheira inseparavel de seus brincos, emprestando ao pequeno o apparelho phantastico que tanto enthusiasmo e interesse desperta á infancia.

Si pelo facto de combater a ficção fosse invadido este campo privativo da puericia, quebrar-se-ia o encanto, aniquilando um dos mais valiosos elementos da instrucção, além de contrariar as leis naturaes que o impõem imperiosamente nos primeiros annos.

(Continúa)

(Da revista *El Monitor de la Educacion Commun*, de Buenos Ayres.)

METHODOLOGIA

APRENDIZADO EDUCATIVO

OS TROPHEOS ESCOLARES

(CONTINUAÇÃO)

O pensamento não deve ser uma chamma sem calor, mas transformar-se em movimento e ser util á sociedade; dahi a fórmula de George Sand para o ensino: exaltação da vontade num meio de realidade.

Saber é o meio; crear é o fim. Pico de la Mirandola foi esteril, sem embargo da sua formidavel capacidade de erudito. Em cada escola se deveria gravar isto: «Todos podem crear; quem se contenta com aprender, saber e fazer bem, falta ao primeiro dever do homem.»

O ensino só é integral quando fórma a capacidade de converter em factos ou coisas, nossos pensamentos ou creações. Quem não age como pensa, pensa incompletamente. A maior belleza da vida está nas realizações.

Nossa missão no Brasil actual é produzir. O progresso mora no arado, no laboratorio, nas machinas e no cerebro humano, «a ultima, a mais sublime, a consummada flor do desenvolvimento da natureza neste planeta».

O professor não póde ser um phonographo, nem a escola de uma casa Odeon! repetir lições é pouco; precisamos pesquizar e fazer pesquizar, ser um elemento productivo. A energia nacional não póde adormecer neste ron-ron: receber, decorar, recitar; é preciso assimilar e crear; o ensino é uma permuta—dar e receber; uma lição é sempre uma creação.

A divisa norte-americana «push», necessidade de avançar no mundo, só é cumprida pelo trabalho pessoal, que virilisa e nos subtrae ao protectorado extranho. Podem-se classificar as civilisações em masculinas e femininas, conforme se caracterisam pelo desenvolvimento integral e collectivo da energia ou pelo intellectualismo despersivo. Pobres dos povos que dormem em qualquer Capitolio, confiados em que os gansos os despertem.

São Paulo tem o direito de exigir escolas perfeitas; nossa patria é credora de sacrificios. O Brasil quer o trabalho; o brasileiro não póde ser um Tantalo nessa mesa de pomos de ouro, que é a nossa terra; a natureza é sempre «a Bella adormecida» á espera do Principe encantado.

O mundo é a esphynge: ou deciframos o seu enigma, ou a esphynge nos devora. Depositemos nos nervos e nos musculos da mocidade uma somma de energia potencial que faz a immortalidade de um povo. A decifração da esphynge está no trabalho titanico, na formidavel epopéa da acção pratica.

Para que serves? é a pergunta anciosa da humanidade. No mundo não ha mais logar para os inuteis. O dever maximo do homem é o dever da acção, diz Ribeiro Couto. Uma vida vasia é immoral...

O homem perfeito, continúa R. Couto, é aquelle que conseguiu, na sua passagem pela terra, encher o seu minuto sagrado com uma realisação triumphante. Cada creatura deve pagar á humanidade o prazer de ter vivido um minuto no meio della. Bemdito seja o que enriquece, o que constroe cidades, o que semeia campos, o que cura enfermidades, o que faz um poema. Construir—é o verbo da hora presente.

O esforço é a vida; o valor do individuo se mede pela somma de esforço de que é capaz. Póde-se dizer que não ha velhos nem moços; a vida não é uma extensão, é intensidade, diz Assis Brasil; envelhece-se mais pela inactividade que pelo trabalho.

O trabalho é a funcção mais nobre da vida; o trabalho é a lei da natureza: «Homo nascitur ad laborem.» Viver é trabalhar; sem o trabalho não ha vida. Quem não trabalha—não é digno de viver; quem não trabalha está fóra da lei, porque é inimigo da sociedade. Educar é desenvolver a capacidade para trabalhar; o direito á vida presuppõe o dever do trabalho.

Trabalhar com o corpo e trabalhar com o espirito! «O individuo que trabalha, diz Ruy Barbosa, acerca-se continuamente do Autor de todas as coisas, tomando na sua obra uma parte, de que depende tambem a delle. O creador começa, e a creatura acaba a creação de si propria. Quem quer, pois, que trabalhe, está em oração ao Senhor...»

A VIRTUDE CANONICA DO HABITO

Viver é habituar-se. Nossa vida é um feixe de habitos—praticos, emocionaes e intellectuaes—organizados systematicamente para a nossa felicidade ou desgraça e conduzindo-nos irresistivelmente ao nosso destino.

E educação real é o habito da acção:

A formação intellectual (percepção, memoria, abstracção, raciocinio) é a acquisição de concepções e a acquisição de um feixe de habitos: observar com attenção, raciocinar com clareza e depressa, recordar com exactidão e a tempo, associar idéas, comparar, abstrahir e generalizar. As idéas devem ser principalmente o motor da actividade; devemos adquirir o habito de realizar as representações mentaes.

A formação moral é baseada na repetição de actos moraes, nos habitos bons e aperfeiçoadores; substituição das tendencias más pelas boas, endurecimento psychologico, pequenas victorias progressivas. O caracter é uma vontade completamente educada, é o expoente dos habitos que adquirimos: assim como semeamos habitos nos musculos, nos nervos e no cerebro, diz Roarck, assim colheremos no campo da aptidão, da habilidade e do caracter.

O espirito se habitua á acção e á inercia. A escola não deve favorecer a inactividade psychica, a estagnação de leziria, o sybaritismo passivo dos receptores de regras, leis e definições elaboradas, a mumificação de personalidade, a paralysia da consciencia; deve formar sóes e não luas, radiosos astros de luz propria e não astros mortos de luz emprestada; deve dar o gosto pela acção e o prazer da actividade, com todo o seu cortejo de virtudes subsidarias, desde o amor pelo trabalho á capacidade de iniciativa e desde a espontanea resolução da vontade á perseverança nos designios.

Só quem conhece a virtude canonica do habito, a terrivel vitalidade das acções feitas, só quem se convence de que o que somos é o fructo do que fizemos, de que o peso do passado esmaga o futuro, póde avaliar os milagres do aprendizado activo, do aprendizado dynamico pelo trabalho — o mundo exterior transformando-se em idéas, as idéas transformando-se em movimento, e fechando a todo o momento o cyclo psychico — milagres produzindo o homem que a Terra quer, de pensamento e de acção, operario desse progresso que está na razão inversa da acção coercitiva do homem sobre o homem e na razão directa do homem sobre a natureza.

PARA O ESPIRITO EVOLUIR

1. Firmámos já o criterio educativo da escola: o aprendizado tem por fim principal a formação do espirito — mais do que ministrar conhecimentos, vale desenvolver a intelligencia, a sensibilidade e sobretudo a vontade. Precisamos dar aos alumnos habitos de observação, de raciocinio, de acção; habitos de espirito critico, habitos esthéticos e moraes, habitos de trabalho intelligente applicaveis á producção economica, scientifica, esthética e moral

2. Mas o desenvolvimento das virtualidades mentaes só é possivel mediante o exercicio adequado e frequente das aptidões do educando; o desenvolvimento da energia espiritual só se faz pelo trabalho pessoal de cada alumno, pelo aprendizado activo: é preciso que cada um se exercite a todo momento em perceber (prestar e manter a attenção, analysar, comparar), em raciocinar (observar, experimentar, comparar, generalisar — na inducção; ter intuição e fazer hypotheses — na deducção); em imaginar, em admirar, em fazer o bem, em fazer esforços de vontade, em crear.

Apenas orientado pelo professor, cada alumno fará sósinho todas as lições, todos os exercicios, todas as experiencias; cada um observará, tirará definições, regras ou leis e applical-as-á; o professor nunca explicará o que o alumno puder descobrir por si; o alumno se servirá dos conhecimentos á medida que os fôr adquirindo.

A escola, prefacio da vida, vida mesmo, funda seu ensino na acção.

3. Num mesmo assumpto devem se exercitar as aptidões intellectuaes, motoras e sensitivas — pôr unidade na trindade pedagogica: cabeça, mão e coração; força theorica, pratica e poetica; saber, poder e querer; conhecer, agir e sentir; verdade, bem e bello; sciencia, vida e arte.

Nenhuma impressão sem sua correspondente expressão. Todos os modos de expressões — mimicos, verbaes, manuaes — aclaram, completam, corrigem, fixam, fortificam e individualizam as idéas.

4. As tendencias instructivas da creança para jogar, manipular e construir, hão de tornar-se como base de todo ensino, de modo que o jogo, as occupações manuaes e agricolas, as pequenas industrias e artes e as experiencias directas com a natureza e a vida social, procederão, motivarão e acompanharão a instrucção formal, systematica.

Faça o alumno exercicios que respondam a seu instincto de constructividade e não seja um imitador servil, um copista intelligente, um mecanico sem alma, um automato inconsciente.

Todas as materias devem ser aprendidas atravéz dos trabalhos manuaes. E' preciso dar a mão — ferramenta das ferramentas — muita capacidade, destreza, habilidade e geito para fixar materialmente as concepções de um jovem cerebro sempre em actividade; fazer sentir e comprehender a nobre belleza do trabalho em geral e o das mãos em particular, pois já Anaxagoras via na mão a superioridade do homem entre os animaes; formar o productor de amanhã no trabalho, pelo trabalho, para o trabalho.

5. A educação social deve abrir horizontes a cada personalidade, estimulando todas as desigualdades individuaes, dando o mais livre desenvolmento ás vocações, não descuidando de nenhuma das aptidões e tendencias: a sociedade necessita de aptidões heterogeneas, pois são infinitas as funcções a desempenhar.

A escola deve respeitar a individualidade da creança. Esta individualidade só póde se desenvolver por uma disciplina que conduza á liberação das suas potencias espirituaes: a creança tem direito á liberdade de seu desenvolvimento physico e mental. Os estudos, a aprendizagem da vida, devem dar livre curso aos interesses innatos da creança, aos que despertam espontaneamente e acham sua expressão nas actividades variadas de ordem manual, intellectual, esthética, social e outras.

Cada edade tem seu caracter proprio; a disciplina pessoal e a disciplina collectiva devem ser organisadas pelas creanças mesmas, com a collaboração dos mestres; devem tender a reforçar o sentimento das responsabilidades individuaes e sociaes.

Deve-se utilizar intelligentemente a espontaneidade sã e fecunda que, até á edade de entrar na escola, se manifesta tão abertamente na creança. Que o alumno faça seus trabalhos com a maior independencia possivel.

6. E' necessario individualisar a educação até onde seja compativel com o ensino collectivo. Para isso :

a) Reduzir o numero de educandos de cada classe a uma quantidade que possa ser estudada e attendida collectiva e individualmente (24 a 32 alumnos nos três primeiros annos).

b) Fazer classes separadas para alumnos normaes, sub-normaes (mentalmente debeis, atrazados, repetentes faltadores, etc.) e super-normaes (muito intelligentes).

c) Dividir cada classe em secções A, B, C e D, separando os alumnos, de modo que suas aptidões apresentem poucas divergencias em cada secção.

d) Conhecer a physionomia interior de cada alumno, seu modo de ser caracteristico; estudar os typos mentaes: visuaes, auditivos, motores, imaginativos, repetidores reflexivos, logicos, esthéticos, egoistas, altruistas euphoricos, bonachões, depressivos, voluntarios, abulicos.

e) Seleccionar e medir os trabalhos, de modo que o horario, a quantidade de materia, a difficuldade, a orientação do ensino, se adaptem ás necessidades do typo medio real e varios typos concretos de cada classe e que cada alumno se exercite sufficientemente de accordo com suas aptidões.

O espirito, como o corpo, tem suas edades; é preciso respeitar seu desenvolvimento, deixal-o atravessar suas phases.

f) Respeitando-se os diversos typos mentaes, até onde fôr conveniente, conseguir certo equilibrio ou harmonia prudente nas diversas aptidões dos educandos.

g) Dar a maior variedade ao ensino de um mesmo assumpto (mudando os processos, formas e meios de ensino) para que haja concentração e synergia mental e para que cada typo de alumno possa exercitar-se segundo suas aptidões particulares.

7. Deve-se dar ao ensino dos differentes ramos bases naturaes, praticas, reaes, ao alcance das jovens intelligencias: a vida usual com suas diversidades, a officina com seus movimentos, o escriptorio, os campos, e não fazel-o repousar sobre ficções, supposições, abstracções, erros queridos ou involuntarios.

8. A marcha do conhecimento deve ser inductiva: partir dos seres para as definições, dos factos para as regras, dos phenomenos para as leis, isto é, do particular para o geral; e depois deductiva: tendo as leis, regras e definições, mandar os alumnos dar exemplos, applical-os e comproval-os.

9. O aprendizado deve ser objectivo; deve-se partir do concreto para o abstracto. Cada lição deve ser dada diante dos seres, ou em falta, diante de objectos, modelos, estampas, desenhos, esboços graphicos, schemas. Rabelais concretizou o ensino com lições de cousas e as excursões escolares.

10. Provindo o conhecimento da percepção e do raciocinio, e compondo-se estes de analyses, o aprendizado tambem deve ser analytico: partir do todo para as partes....

11. Toda experiencia e conhecimento novos para serem aprendidos devem associar-se, combinar-se ás experiencias e conhecimentos afins que possua o educando: deve-se partir do conhecido para o desconhecido e ter-se um proposito definido. O emprego das synopses habitúa á ordem, á logica, á unidade.

12. O aprendizado deve ser interessante. Bem pensar e bem agir é saber usar da attenção com intensidade sobre o que queremos pensar ou fazer. Ora, prestar attenção é antes de tudo interessar-se pelo que se faz e para interessar-se é preciso ver como os instinctos se interessam pelos seus objectos. Portanto: não ha aprendizado sem attenção, nem attenção sem interesse. Applicar um espirito a um estudo é applicar um instincto a seu objecto: o primeiro dever do educador é discernir quando este instincto está prompto para funccionar.

Em geral possue a creança quatro impulsos: o impulso social, ou de conversação ou de communicação; o constructivo, de fazer as cousas; o de investigação; e o artistico.

A attenção a principio deve ser espontanea ou derivada: o ensino deve ser attrahente, feito com objectos e com factos; aos poucos se installará a attenção voluntaria com pequenos esforços progressivos.

13. O aprendizado deve ser consciente: quanto possivel, tudo deve passar pela percepção e pelo raciocinio do alumno, e não decorado inconsciente-mente, feito mecanicamente. Emtanto, ás vezes, só se póde appellar para o ensino dogmatico, para o "magister dixit".

Ha três meios de a creança aprender: por si mesma, apenas guiada pelo mestre, redescobrindo a verdade; obtendo a verdade pela palavra de outrem; indo buscal-a num livro. Os três meios ao envez de se excluirem, se completam, um conhecimento só é bem adquirido quando redescoberto por um esforço pessoal; mas para estimular e guiar a vontade do alumno nada vale a palavra do mestre; esta, por sua vez, deve ser completada pela leitura paciente do livro, que amplia e permitte depois a retenção.

14. Aprender é comprehender mas reter. Para isso: interessar o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas, porque a memoria de uma impressão complexa é tanto melhor quanto maior numero de memorias parciaes concorrer para fixal-a; fazer revisão da aula anterior; na mesma aula fazer recapitulações frequentes do que foi dito: fazer summarios e synopses.

De accordo com estas ideas damos um questionario para se fazer a critica de lições. Poderá servir para a pratica pedagogica nas escolas normaes ou para os inspectores escolares na inspecção dos grupos escolares.

CRITICA DE LIÇÕES

Thema: .....

Summario da lição ou Plano de aula:

1.....	11.....
2.....	12.....
3.....	13.....
4.....	14.....
5.....	15.....
6.....	16.....
7.....	17.....
8.....	18.....
9.....	19.....
10.....	20.....

1. *Aprendizado educativo*: A classe: a) observou? b) raciocinou? c) experimentou? d) comparou? (mostrou differenças e semelhanças)? e) generalisou? f) deduziu? g) abstrahiu? h) analysou? i) agiu? Procurou-se desenvolver: j) a attenção? k) a memoria? l) a imaginação? m) o senso esthetico? n) o senso moral? o) o espirito critico? p) os sentidos? q) a linguagem? r) a vontade?

Sim:

Não:

2. *Aprendizado concreto*: Empregou: a) seres? b) objectos? c) modelos? d) instrumentos? e) apparelhos? f) mappas? g) cartazes? h) estampas?

i) desenhos? j) esboços? k) schemas? l) diagrammas? m) imagens? n) empregou-os com opportunidade e sufficientemente? o) deu primeiro o ser, depois a ideia e emfim o termo?

Sim:
Não;

3. *Aprendizado inductico:* a) dos seres passou para as definições? b) dos factos para as regras? c) dos phenomenos para as leis?

Sim:
Não:

4. *Aprendizado deducativo:* a) fez exemplificações? b) fez applicações? c) verificações? d) de uma verdade geral tirou outra geral?

Sim:
Não:

5. *Aprendizado analytico:* a) partiu do todo para as partes? b) do conhecido para o desconhecido? c) houve analyses sufficientes? d) fez synthese?

Sim:
Não:

6. *Aprendizado activo e individual:* Cada alumno: a) escreveu? b) desenhou? c) mediu? d) deu exemplos? e) mostrou? f) investigou? g) inventou? h) tirou conclusões? i) descobriu as definições? j) induziu as regras e leis? k) teve iniciativa e liberdade? l) cada um se servia dos conhecimentos á medida que os adquiria? m) cada um tinha um exemplar do material e examinou-o bem? n) o professor deu alguma conclusão que devia ser dada pelos alumnos? o) a fórma foi expositiva? p) interrogativa? q) ensinou a classe toda? r) uma secção? s) demorou-se o professor demasiadamente com um só alumno, esquecendo a classe? t) a classe esteve viva, animada?

Sim:
Não:

7. *Aprendizado attrahente:* Despertou e manteve a attenção espontanea: a) a classe viu objectos? b) agiu? c) palestrou? d) inventou? e) só ouviu? A attenção foi derivada: f) ligou a lição a alguma cousa conhecida, agradavel? g) fez surpreza? A attencção foi imposta: h) por ordem? i) grito, ralho? j) campainha? k) carranca?

Sim:
Não:

8. *Aprendizado consciente:* a) A noção nova foi adquirida pela percepção do alumno? b) pelo raciocinio do alumno? c) foi alguma parte só mnemonica? d) houve imposições de idéas? e) suggestão? f) a classe acceitou tudo passivamente? g) appellou-se para o senso critico? h) o professor verificava por perguntas, a todo o momento, si o que dizia estava sendo comprehendido?

Sim:
Não:

9. *Aprendizado retentivo:* a) Interessou o maior numero de actividades sensoriaes e perceptivas? b) quaes? c) mandou repetir sufficientemente? d) recapitulou? e) fez resumo, synopse? f) fez resaltar as idéas principaes? g) fez que retivessem o necessario na memoria? h) ensinou pelo erro?

Sim:
Não:

10. *Aprendizado associativo:* Associação perceptiva: a) ligou os conhecimentos novos aos anteriormente sabidos? b) recapitulou a lição anterior? c) houve variedade no ensino do mesmo assumpto? d) dentro dessa variedade, unidade? um proposito definido? e) houve um plano para executal-o? f) ordem logica? g) psychologica? h) chronologica? i) eclectica? j) fragmentada, desconnexa? k) o professor divagou inutilmente? l) associou as idéas com os sentimentos?

Sim:
Não:

11. *Aprendizado hygienico:* a) o thema esteve de accordo com a média da intelligencia e da cultura da classe? b) limitou o assumpto para dar no tempo marcado pelo horario? c) houve muitas difficuldades de uma só vez? houve fadiga? e) sala illuminaca? f) posição incommoda? g) o material hygienico? h) o modo de empregal-o, de accordo com a hygiene pedagogica?

Sim:
Não:

12. *Aprendizado esthetico: Sala:* a) limpeza? b) flores? c) quadros? d) enfeites? e) figuras horriveis? f) apetecada de mappas? *Material:* g) bello? h) distribuição e collecta rapidas e elegantes? *Classe:* i) posição esthetica? j) lasse amontoada? k) cutiphasia? l) urbanidade? m) limpeza? n) correcção no aspecto? *Professor:* o) traje, penteado, etc. estheticos? p) maneiras dignas, cultas, sympathicas? q) alegre, communicativo? r) bôa pronuncia? s) voz clara e alta que todos ouvissem? t) clareza, pureza, propriedade das palavras? u) singeleza, naturalidade? v) erros de morphologia? x) de syntaxe? y) muito verboso? falou depressa? z) esteve impaciente, gritou?

Sim:
Não:

13. *Disciplina:* a) Esteve *toda* a classe *sempre* occupada? b) o professor dominou a classe com o olhar? c) fixava um alumno quando o interrogava? d) mostrou ter vista e ouvido exercitados em perceber rapidamente os excessos e as faltas dos alumnos? Houve por parte da classe: e) silencio? f) compostura? g) sympathia? h) desordem? i) houve castigos? j) premio? qual?

Sim:
Não:

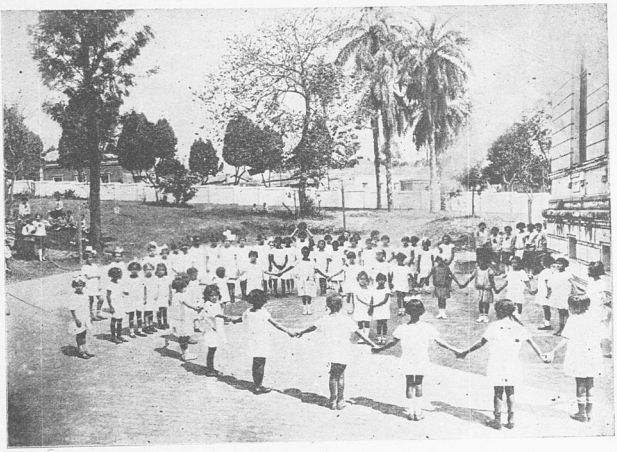
14. *Perguntas e respostas:* a) Fez perguntas collectivas? b) individuaes? c) chamou salteadamente? d) perguntou de preferencia aos timidos e menos attentos? e) na pergunta deu a resposta? f) começou a resposta? g) repetiu a pergunta? h) repetiu a resposta do alumno? i) acceitou qualquer resposta?

Sim;
Não:

15. *Resultados:* Os alumnos: a) aproveitaram a lição? b) ficaram com curiosidade para fazer depois estudo proprio? c) tiveram emoção? qual? O professor: d) revelou dominar o assumpto e o modo de tratal-o? e) revelou adiantamento? f) sendo "professor — a pessôa generosa, que sente amor pela infancia, enthusiasmo pelo ensino e sabe o que vae ensinar, como deve ensinar, e a quem deve ensinar", mostrou o praticante vocação para o professorado?

Sim:
Não:
Nota:

José Ribeiro Escobar



Alumnas em recreio, das escolas primarias annexas á Escola Normal Modelo.

A EDUCAÇÃO DOS ANORMAES

E' interessante apreciar os resultados colhidos com a educação dos anormaes.

Em um recente congresso sobre instrucção publica reunido na Sorbonne, este momentoso assumpto foi ventilado, manifestando-se sobre elle a opinião valiosa dos educadores.

A escola para os anormaes foi creada por lei em 1909, fixando-se então as regras de admissão impostas ao pessoal docente e discente. Essas escolas só podem ser fundadas a pedido das communas e dos departamentos.

Uma estatistica feita em 1924, abrangendo 1136 alumnos anormaes que sahiram das classes de aperfeiçoamento, mostrou que mais de 77 % se achavam em condições de ganhar completamente a vida e 9 % podiam fazel-o parcialmente.

Infelizmente é insignificante o numero dessas escolas, pois dos 40.000 anormaes educaveis existentes em França, cerca da metade se acha privada da organização que poderia integral-a na sociedade. Neste particular a Alsacia se acha na vanguarda, pois que nella o numero dos anormaes educados é superior ao dos admittidos nas classes de aperfeiçoamento de todo o resto da França.

O recrutamento é irregular e defeitoso e muitas vezes se enviam para as escolas meninos que, por qualquer motivo, não puderam seguir o ensino ordinario, e as classes se enchem então de surdos, cegos e até de doentes que estariam melhor em um sanatorio ou em um preventorio.

Deve-se, pois, começar por fazer com melhor criterio a admissão dos anormaes, enviando os cegos e os surdos-mudos para as respectivas escolas, e ao mesmo tempo hospitalizar os doentes.

Conviria, para melhor applicação da lei, que os directores e as directoras das escolas ordinarias indicassem ao inspector primario toda creança que não aproveitasse o ensino regularmente ministrado depois de dois annos de frequencia.

E' absolutamente indispensavel introduzir nas commissões encarregadas de decidir da admissão dos anormaes, medicos psychiatras além de mestres que possuam certificado de aptidão ao ensino dss anormaes.

Eis porque o Congresso solicitou uma collaboração amigavel de professores e medicos, pois em problema dessa natureza as aptidões pedogogicas não são menos indispensaveis que a sciencia medica.

O pessoal incumbido da educação dos anormaes assume uma tarefa ao mesmo tempo ingrata e relevante, sendo de lamentar que se lhe não concedam as compensações a que faz jus.

Convem accrescentar que o ensino dos anormaes deve ser concreto para produzir resultados apreciaveis, e, por isto, a installação da escola é dispendiosa.

O Congresso faz votos para que todas as escolas desse genero, escolas de anormaes, de surdos-mudos e de cegos, fiquem reunidas sob a auctoridade unica do ministro da instrucção publica e submettidas, como as ordinarias, ás leis que regem o ensino publico, principalmente quanto á gratuidade e obrigatoriedade.

André Balz, «Manuel General de l'Instruction Primaire», n. 23 de 1925 (Resumo).

O ENSINO PELO CINEMA

(Resumo)

Objecções de principio e problemas essenciaes.
(Traduzido pela alumna do 4.º anno Elin Penna.)

Alguns bons espiritos recusam conceder ao cinema o direito de cidadão na cidade das escolas. E' certo que o cinema encanta as creanças, conduzindo-as atravez de todos os paizes da terra onde lhes descobre espectaculos maravilhosos: a tela enriquece o espirito infantil de imagens vivas e desperta a emoção, até nas almas inertes e insensiveis á mais ardente palavra. Mas, dizem elles, são inquietantes estas virtudes, comparaveis até aquellas qualidades brilhantes pelas quaes se impõem, á admiração da sociedade, homens a quem recusamos a nossa estima. O cinema, segundo os auctores referidos, é, ás vezes, contrario ao verdadeiro progresso dos estudos na escola primaria.

O verdadeiro progresso consiste no desenvolvimento das faculdades de analyse e da aptidão para formar idéas; ora, a projecção animada conduz a creança até ao delirio, no turbilhão das imagens e das sensações e arrasta-a vertiginosamente para a estrada opposta áquella para onde queremos leval-a. Diz-se a mesma cousa sob outra fórma, quando se accusa o cinema de dispertar o espirito e desviar a attenção da creança e paralysar na classe a acção do mestre.

Convem observar, entretanto, que o cinema constitue um auxiliar valioso para proteger nas escolas o ensino contra o verbalismo e que, ao lado da illustração dos manuaes, quadros de toda natureza, collecções de museu escolar, compendios, excursões, serve para pôr a creança directamente em contacto com a realidade. O que importa é tomar precauções, contra sua fecundidade prodigiosa que lança nas classes as imagens em profusão: é grande a difficuldade de fazer uma escolha judiciosa dos materiaes que elle fornece.

A arte pedagogica precisa indicar o momento opportuno em que se deve utilizar a projecção do film. Esta pode ser feita no principio ou no fim da lição, ou mesmo seguir passo a passo seu desenvolvimento. Pode ser desenrolada de uma só vez ou por fragmentos mais ou menos importantes.

Estabelecem-se varios typos de lição; cada um com suas vantagens e suas difficuldades, que precisam ser indicadas com precisão.

Theoricamente, o typo mais perfeito parece ser aquelle que comprehende intimamente, do começo ao fim do exercicio, a lição e a projecção, o film tendo sido composto para uma lição precisa e o desenvolvimento desta se dirigindo inteiramente sobre o film; este typo poderia chamar-se lição filmada.

Na pratica, porém, para a actualidade pelo menos, só raramente se pode adoptal-o.

O numero de films pedagogicos como os da collecção Gaumont-Hachette, é ainda pouco numeroso; a totalidade dos films ditos documentarios de que se dispõe é feita de partes de valor e de duração variada; essas partes não impressionarão da mesma maneira creanças de edades differentes; explicações e projecção não estarão ahi na mesma relação.

A natureza do ensino impõe tambem suas particularidades. E' claro que uma lição de geographia não pode seguir passo a passo o desenvolvimento do film, deante da objectiva do apparelho de apanhar vistas, tudo se torna confuso, factos de orographia, de hydrographia, factos economicos; a paysagem contem de tudo e a projecção a reproduzirá inteiramente num só raio de luz; ora, a lição, por necessidade de analyse, deve distinguir os factos e expol-os successivamente. Pelo contrario o film de sciencias pode muito facilmente submetter-se ás necessidades do ensino. Explicações e projecção estarão pois dispostas de modo differente nas lições de geographia e sciencia. Deve-se ainda distinguir um typo proprio para a lição de revisão, um outro para a sessão meio-recreativa de sabbado, que transporta as creanças aos paizes maravilhosos e um outro para a conversação, etc. E preciso fixar todos esses typos.

E. Orgeolet (Manuel Général de L'instruction primaire) 18 de Abril de 1925.

IDÉAS GERAES SOBRE O ENSINO PRIMARIO EM NOSSA TERRA

1.ª CONFERENCIA

Exmo. sr. Presidente do Estado—DD. Secretario do Interior – DD. dr. Chefe de Policia — DD. dr. Director da Instrucção Publica—Minhas senhoras —Meus senhores.

Pisando o sólo mineiro não chega em terra extranha a neta de um illustre conterraneo vosso que soube sempre amar a sua terra como um filho e servil-a como honrado cidadão, o dr. Estevão Ribeiro de Rezende, Marquez de Valença. E' pois com viva emoção que sinto pulsar em meu peito a parte mineira do meu sangue, e reunindo a Minas, S. Paulo, meu bello torrão natal, Rio de Janeiro e Bahia, que aos 4 Estados pertenço pelos laços mais estreitos de familia, reunindo esse grupo valoroso que representa como que o grande coração da nossa Patria, pelo presente e pela tradição, é o Brasil inteiro que sinto vibrar dentro d'alma enchendo-a de justo orgulho e de immenso amor...

Apresentei-me com o passado na pessoa do meu grande avô... representamos nós, Senhores, o presente, presente tão cheio de angustias e de incertezas, que affligem a humanidade inteira, e são essas angustias e essas incertezas que nos devem levar o espirito a cogitar o futuro da nossa Patria, os nossos meninos, os nossos filhos...

Por mais sombrio, porém, que pelo mundo appareça o quadro da sociedade, por mais temerosas que sejam as heresias corruptoras, por mais lamentaveis que sejam os progressos da immoralidade arrogante, emquanto tivermos homens que se preoccupem com as escolas não nos deve acabrunhar a desesperança de melhores dias. não nos deve desfallecer o animo de ver surgir uma nova seiva na vida tão perturbada da nossa Patria. E esta terra mineira, terra que representou sempre tão generosos ideaes, esta terra mineira sentiu durante a benemerita administração do sr. dr. Arthur Bernardes o glorioso impulso manifestado em todas as necessidades do Estado e na Instrucção Publica muito especialmente, graças ao seu claro descortinio e seu dedicado e efficaz desvelo pelas escolas... esta terra mineira sente ainda o brilho que se não apagará da bella intelligencia e espirito emprehendedor de um grande morto, sr. dr. Raul Soares... esta terra mineira ouviu ha pouco a voz cheia de idealismo do seu illustre Presidente confessando uma crenença e proclamando um ideal... incitando a mocidade a attender ao brado que repercute pelo mundo a supplicar concordia... reclamando o apoio dos grandes e dos pequenos, do Parlamento e da Escola, da Egreja e do Lar... convidando a Patria inteira a emprehender a santa Cruzada da Paz... Esta terra mineira teve auxiliares preciosos nas pessoas do sr. Secretario do Interior, dr. Sandoval de Azevedo e do sr. Director da Instrucção Publica, dr. Lucio José dos Santos, para a execução desses generosos planos... O nosso applauso, Senhores, a esses operosos Mineiros... o nosso applauso á voz do sr. dr. Mello Vianna...

Não data de hoje o meu interesse pelo ensino. Não data de hoje o meu empenho em abrir aos pequenos cerebros as portas da instrucção sem lhes impôr fadigas. Não é de hoje que me preoccupa o assumpto que me tem interessado toda a vida como professora que fui e sou ainda, um tanto, dos meus proprios filhos, dos meus filhos unicamente, e não fosse a necessidade premente de se conjugarem todas as forças, por pequenas que sejam, em pról de um beneficio commum, por certo não ousaria, sem nome entre o professorado, sem titulo algum que a tanto me autorize, abrir os labios entre os mais competentes na materia, para aventar questões complexas, commentar responsabilidades immensas, enfrentar difficuldades gravissimas.

Falar da escola e da instrucção é levantar o véo para a questão mais vasta, mais difficil e mais urgente do momento actual, a questão que abrange todo o problema social, porquanto a escola depende do lar e o lar depende da escola; os mestres dependem de outros mestres como os filhos dependem dos paes; de bons paes dependem bons filhos e bons mestres; de bons mestres dependem bons filhos e bons paes, e desse conjuncto depende a ordem da sociedade inteira.

Pelo mundo passa a correnteza do progresso, accende-se a labareda da sciencia, levantam-se os maremotos dos sophismas e não preparamos o terreno para que sejam vencidos os maremotos... não preparamos terreno para que seja verdadeiro o progresso e efficaz a sciencia. Não preparamos terreno, não formamos o caracter dos nossos meninos para que não se transfórme em ganancia o progresso, e em desvario a sciencia. Não damos um freio aos nossos filhos, não lhes guiamos os primeiros passos e, na hora perigosa, deixamol-os, sem garantia, á beira dos mais asperos despenhadeiros.

O amago dessa questão, Senhores, é constituido pelos élos primeiros de onde se desdobram todas as demais questões...: a desordem, a indisciplina, o desrespeito á autoridade, e, abordar o problema da escola, é apresentar desde logo, e, como solução unica, a chave milagrosa, suprema e singular, capaz de abrir nos corações o amôr á ordem, á disciplina, á autoridade:

O CRUCIFIXO

De duas partes se deverá compôr este meu pequeno trabalho: o cuidado pelo caracter, a seducção para o estudo.

Desde os primeiros annos escolares exigem-se dos meninos muitas materias, mas em geral não se lhes prepara a alma e o coração... não se lhes indica o manancial de onde jorra a agua viva da virtude...não se lhes offerece a pedra philosophal da

felicidade... não se lhes doutrina a lei unica, que nos fará cumprir todas as leis dos homens, e, quando algum esforço collima este fim não póde ter exito completo pela prohibição de se tocar, nas escolas, em assumpto religioso.

Exalta-se o patriotismo, entoam-se canticos patrios, os grandes feriados nacionaes são acompanhados de festas e conferencias civicas, mas uma base falsa serve de alicerce á projectada grandeza, pois antes de formar o bom patriota é preciso formar o bom filho, o bom alumno, o bom estudante, o bom christão e só assim, como fructo natural, se poderá obter o bom cidadão.

A ideia fundamental dos systemas modernamente adoptados, dos novos systemas abraçados é que a creança não póde acceitar de outro ente a educação... o que não aprender por si não aprenderá nunca...

A pedagogia moderna não impõe a disciplina collectiva... exige a disciplina interior... Terá valor esta pedagogia de individualismo, *sem Deus?* Que methodo, que doutrina, que systema melhor trabalha pelo aperfeiçoamento individual do que a doutrina catholica? Não serão cheios de surprezas esta moral e estes systemas novos? Emquanto a Egreja Catholica estreita os laços da familia e da nacionalidade, põe freio ao orgulho e condemna a vaidade de julgar o homem valer muito por si, sem uma força superior que o ampare e guie, a moral leiga da pedagogia moderna não será um factor de desaggregação?

Meus Senhores, não julgueis mal a vossa patricia... permitti que eu vos dê, com franqueza, as impressões colhidas por minhas observações pessoaes... São tantas as intelligencias superiores que abraçam, com enthusiasmo, esses methodos novos, realmente apresentados, por vezes, numa seducção immensa, que eu poderia, dissimuladamente, tocar no assumpto deixando-me parecer aos vossos olhos espirito a liantado, espirito evoluido, conhecedor das grandiosidades modernas... mas não conheço, meus Senhores, escolas estrangeiras... não lhes conheço portanto os resultados favoraveis... conheço o que possuimos e cogito do que necessitamos... e seria trahir a minha consciencia e atraiçoar a vossa confiança não vos dar a minha ideia, sem disfarce... Condemnem-me... defendam a ideia moderna outros de melhor preparo... mas *com egual sinceridade*... Talvez esteja eu muito atrazada... serão talvez, por demais avelhantadas as minhas opiniões... talvez a minha intelligencia não se tenha podido ainda abrir á evidencia do progresso e das vantagens deste systema, systema de liberdade, systema do aguilhão do individualismo, systema do quasi endeusamento do homem desde o berço... mas penso que deveriamos estudar a questão até o intimo observando bem até onde se casa com o temor de Deus...

A meu ver, Senhores, o individualismo exagerado ao envez de estimular para o bem gera o egoismo, e esse individualismo que resulta em orgulho, em amor proprio e negação da auctoridade será proveitoso para a familia e para a sociedade? E' a moralidade na familia e na sociedade que nos apresenta hoje o mundo? E' a belleza moral, individual, que sobresae nos paizes onde vigoram esses systemsas? Que terras encontramos servindo de modelo para o povo? O que nos apresenta o mundo de hoje? Quaes as vantagens que decorrem para a sociedade, dessas liberdades excessivas tão apregoadas... liberdade de julgar, liberdade de interpretar... liberdade de agir?... A philosophia da liberdadde, philosophia dos direitos do homem hoje introduzida, acatada, elogiada ... (estare! talvez cahindo em muitos conceitos mostrando-me avessa a ella), essa philosophia de liberdade individual que querem ver concedida desde a infancia, (sem prejudicar todavia á liberdade do proximo), não prejudicará de facto a esse mesmo proximo? Onde está a civilidade na infancia e no povo em geral? Onde a finura do trato? Onde as maneiras distinctas? Onde o respeito aos mais velhos á lei? Onde se encontra hoje a disciplina meus Senhores?

O passado é repudiado... porque? não eram prestantes os nossos homens do passado? Serão os de hoje os modelos? Não eram dignas de acatamento as matronas de antigamente? a mulher de hoje é que dá mostras de progresso? Os filhos de hoje desattentos e viciosos, tantos, são superiores aos filhos respeitosos de antanho? A probidade domina hoje pelo mundo?

Mas então que beneficios trouxeram á humanidade essas philosophias? As liberdades levadas ao excesso não vêm destruindo a familia? E destruida a familia que será da sociedade?...

A doutrina moderna condemna o despotismo... mas quem o quer introduzir? Respeito, meus senhores, não é despotismo... O despotismo gera a rebellião mas o respeito gera a ordem. A nossa geração nova, meus Senhores, nada mais sabe respeitar...

Como perverte os incautos essa religião da humanidade, a clamar contra o que chama «o perigo do abuso da tyrania intellectual e moral» como lhe percebemos nós o ponto que querem attingir, a força que pretendem destruir...

É espuma a pretensão do estudo sem Deus... é espuma porque sciencia estribada em hypotheses esbarra cada passo com o desconhecido... Póde acceitar o sciencista o principio da evolução, mas não negará que alguma cousa foi creada susceptivel de evoluir e rebelando-se atheus e materialistas, chefes e pregadores de todas as heresias contra os nossos mysterios, caem fatalmente na colossal contradicção de acceitar mysterio mais insondavel ainda admittindo a existencia de uma cousa creada sem creador. Havendo um Creador ha uma creatura, havendo uma creatura ha a sujeição ao Creador... havendo a sujeição ha a auctoridade.

Vejo hoje em dia em tudo o que nos cerca a rebellião contra a lei, o grito de guerra contra a disciplina e essa revolta geral nota-se desde os bancos da escola.

A meninada não se amolda á disciplina e por isso vemos internatos fechando as portas, porque os alumnos conformam-se ainda com a prisão do dia, mas querem a liberdade para a noite. Mas que homens se-

rão esses que se preparam para o futuro? Que disciplina conhecerão para com as leis superiores e para com seus proprios deveres se desde a infancia a renegam, se desde os primeiros annos aprendem a desrespeital-a?

É imprescindivel formar, hoje em dia, a corrente que, mais do que o estudo, cuide da formação do caracter dos nossos meninos. Se não brilha na sociedade o rustico, pelo menos não lhe causa damno, emquanto é nocivo e perigoso para a mesma sociedade o individuo instruido e sem sentimento claro da moral.

Nossos meninos não conhecem nem o sentimento da ordem, nem da honra, nem do dever...

É preciso, é urgente, que seja ouvido o conselho das mães, que se faça acatada a auctoridade paterna, que se torne effectiva a palavra do mestre.

O Brasil precisa de homens e só o lar e a escola os poderão formar.

Senhores paes, accordae em vossa alma o gravissimo dever que vos incumbe. Os maus filhos serão fructos da educação amollecida, fraca, dolorosamente indulgente, que não lhes ensina como se cumpre um dever.

Senhores Dirigentes, não permittaes que occupem as cathedras das escolas falsos prophetas a quem possam um dia saudar os alumnos, ao terminar o curso, como saudavam outr'ora a Cezar os gladiadores romanos:- "Ave Cesar morituri te salutant" Ave Cesar, saudam-te os que vão morrer.

Ave Mestres saudam-vos os que vão agonisar no fogo das paixões ateadas pelas vossas doutrinas deleterias. Saudam-vos os que deixando os bancos da escola levam dentro d'alma, heresias que semeastes, na descrença que nella implantastes, o veneno que os levará á morte.

Assim se exprime Ruy Barbosa na sua bellissima «Oração aos Moços» falando da Conflagração Mundial:

"Por derradeiro, amigos de minh'alma, por derradeiro a ultima, a melhor lição da minha experiencia. De quanto no mundo tenho visto, o resumo se abrange nestas cinco palavras: Não ha justiça, onde não haja Deus.

Quererieis que vol-o demonstrasse? Mas seria perder tempo, se já não encontrastes a demonstração no espectaculo actual da terra, na catastrophe da humanidade. O genero humano afundiu-se na materia, e no oceano violento da materia fluctuam, hoje, os destroços da civilisação meio destruida. Esse fatal excidio está clamando por Deus. Quando elle tornar a nós, as nações abandonarão a guerra, e a paz, então, assomará entre ellas, a paz das leis e da justiça, que o mundo ainda não tem, porque ainda não crê".

E o que vemos hoje? Calaram-se os canhões, voltaram as espadas para as suas bainhas, mas ao mundo não voltou a paz, porque ao Tratado de Paz não presidiu o Principe da Paz!... — Não voltou a paz porque o mundo não quer abrir, á luz, os olhos cerrados pela cubiça e pelas ansias de goso, pelo orgulho e pelas ambições. Não voltou a paz ao mundo porque o mundo não quer Deus, que lhe impõe o codigo o mais claro, o mais acabado, o mais complexo, o mais conciso de que se tenha idéa para reger a humanidade toda, os *Dez Mandamentos*, codigo sublime, mas que incommoda ao mundo corrupto porque lhe corta as azas do desvario.

Não foram os motivos geralmente apresentados que desencadearam a Guerra Europêa; o que desencadeou a Guerra foi a escola sem Deus. Foi a expulsão de Deus da escola e da familia, das instituições particulares e do Estado que solapou toda a ordem social...

Formaram-se homens sem Deus nem lei, cresceram as competições e o orgulho, fervilharam os odios, e a Guerra explodiu. Expulso pela porta o Deus da bondade, entrou pela janella o Deus da justiça.

Só a Egreja póde fazer voltar o equilibrio á sociedade. Só a Egreja póde fazer voltar ao mundo a paz.

Cumpre reunir toda a nossa intelligencia, toda a nossa bôa vontade, Senhores Professores, Senhores Mentores do paiz, para que não faltem filhos ao nosso Brasil. Cumpre remediar ao mal que nos póde levar á ruina porquanto uma patria sem filhos será arrastada ao anniquilamento e não lhe serão filhos os rebentos indignos que a não saberão servir.

Não ha quem desconheça a phrase de Victor Hugo: "o cathecismo é o mais perfeito tratado de pedagogia." Deveriam ser condemnados á prisão todos os paes que mandassem seus filhos para escolas onde não se ensina religião".

E Ruy Barbosa diz ainda: "Oração e trabalho são os recursos mais poderosos na creação moral do homem. A oração é o intimo sublimar-se d'alma pelo contacto com Deus. O trabalho é o inteirar, o desenvolver, o apurar das energias do corpo e do espirito mediante a acção continua de cada um sobre si mesmo e sobre o mundo onde labutamos".

Já era o simples lemma de D. Bosco: "Ora et labora"...

Sciencia e moral não se pódem apartar, meus Senhores... não póde caminhar a primeira sem a segunda e não ha moral sem Deus.

Eis o ponto primeiro do meu trabalho, ponto de resolução facilima, afogar o ruinoso materialismo, fazer voltar Deus para as escolas. Para bem formar o caracter do nosso povo, para alcançar a disciplina particular e collectiva, para reavivar o sentimento da honestidade, para conseguir a moralidade no trajar das nossas meninas é preciso que o lar e a escola sejam presididos pelo Divino Crucificado.

Senhores, é preciso acordar em nossa terra a moral adormecida... é preciso dispertar o civismo somnolento... é preciso sacudir a energia entorpecida... é preciso afogentar a indifferença da nossa mocidade... é preciso levantar-lhe o caracter embaciado... E' preciso, Senhores, ensinar aos nossos meninos a zelar pelo seu nome, pelo nome honrado de seus paes... quem tem um nome a zelar não o atira facilmente á lama... Um nome é uma herança rutilanteque se deixa a um filho... E' preciso estimular

a probidade desprezada... é preciso desortinar um ideal... é preciso aguçar o amôr pelo estudo e por tudo quanto é nobre, e bello, e são, e levanta o homem aos seus proprios olhos... E' preciso apontar aos nossos meninos, em horizontes de luz, a consciencia, a honra, a dignidade, o saber, o denodo e o heroismo... e para tudo isso torna-se urgente fazer a creança amiga de Deus e amiga do livro, temente a Deus e temente aos paes e aos mestres, obediente á lei de Deus e á lei do governo constituido. Acceitemos todo o progresso, sem que elle nos desvirtue, porém, o coração...

A' luz pela cruz, meus Senhores! e estará resolvida a maior parte do problema!

Ponto 2.° — O Estudo — Meus Senhores, não estou aqui a vos impôr ideias... vol-as offereço afim de serem melhoradas, discutidas ou reprovadas se erroneas... Da discussão nasce a luz... As-im peço-vos, para que algum fructo se colha do meu trabalho que annoteis as objecções todas que vos suggerirem as minhas palavras para se tornarem assumptos de futuros estudos da parte dos entendidos na materia.

E' ainda Ruy Barbosa quem afirma, em sua alta capacidade o que, aliás, tanto se tem repetido:

«Mas do seculo XVI ao seculo XX, o que as sciencias cresceram é incommensuravel. Sobre os mestres, os sabios e os estudantes de agora pesam montanhas e montanhas mais de questões, problemas e estudos que quantos, ha tres ou quatro seculos, se abrangiam no saber humano».

E estas montanhas de estudos a que se refere Ruy Barbosa dirigindo-se ás Escolas superiores, essas montanhas tambem se reflectem nos cursos primarios. E o crescimento dos programmas de estudo com egual crescimento de desamor ao livro eraz um desequilibrio a que precisamos, sem desfalleimentos attender. A nossa juventude não ama o estudo... Estuda com um fim utilitario... estuda para conseguir, pelo estudo, ganhar a vida... não tem como ideal illustrar o espirito. Em muitas das nossas escolas (não digo em todas) as creanças são menos a impressão de passarinhos que cantam do que de avesinhas engaioladas... Não correm ao estudo como quem busca a felicidade... suspiram pelo fim do curso... De facto a escola deve preparar para a lucta da vida mas não é conveniente, a meu ver, dar á escola, acima do valor moral, educativo e social, a vantagem do lucro material... Mandam os paes muitas vezes os filhos para a escola para serem futuros professores tendo pelo seu curso o logar garantido quando os deveriam mandar para desenvolverem a intelligencia, para aprenderem a ser bons cidadãos, para serem grandes, para bem servirem a Patria... Sonho idealista, talvez... mas seria bem util fazer voltar, ao mundo materializado, um pouco de idealismo...

Sem amor e sem ideal nada se faz de grande... E' preciso que os meninos amem o estudo para saberem a elle se dedicar... e para que exista o amor é mister tornar agradavel o que deve ser amado... Vamos facilitar o estudo... vamos rodeal-o de um encanto magico...

Não nos illudamos... os compendios, repositorios de muita sciencia, fructo de muito trabalho e cuidadosa reflexão, os compendios difficilmente serão manuseados com prazer pela nossa mocidade irrequieta e voluvel... E' preciso fazer voltar o equilibrio ao mundo juvenil para então poder exigir-delle algum esforço...

O nosso estudante em geral tem pouca persistencia, tem diminuta coragem... os attractivos das diversões, dos sports, dos cinemas muito mais lhes aprazem do que as linhas, que acham monotonas, dos compendios... Por outro lado a nossa mocidade não é robusta e o espirito, a intelligencia e a energia não pódem ser robustos num corpo franzino. Não podemos entretanto pensar na creança sem attender tambem ao mestre... Os nossos professores e especialmente as nossas professoras se resentem do mesmo mal, devido, em grande parte, ao nosso clima depauperante, e poucos se preoccupam em lhes minorar os tropeços... E' preciso procurar a chaga e lhe dar remedio... A professora de primeiras lettras é muitas vezes até desconsiderada... entretanto cabe-lhe o maior quinhão de responsabilidade na questão tão séria da instrucção popular... Professoras ha que nem conducção têm para chegar ás suas escolas... da estação mais proxima de escolas ruraes têm que caminhar pelas estradas poeirentas sob um sol escaldante ou pelos lamaçaes debaixo de chuva inclemente despendendo forças, que poderiam ser mais bem aproveitadas, não só pelo pequeno numero de alumnos a que ella vae attender como frequentemente pela superioridade do seu preparo mais util em meio mais propicio.

E para que cansar tanto as nossas professoras em descobrir sempre novidades para, distrahindo-os, instruir os seus alumnos, o que lhes tira o pouco tempo que lhes sobra o descanso e para a sua vida de familia, quando tanta cousa pratica já existe que poderiamos aproveitar?... Cuida-se muito da creança, do desenvolvimento do seu corpo e do seu espirito, do seu bem estar, da sua felicidade, e fazemos bem... as creanças são nossos filhos... mas não são tambem nossas filhas as professoras? digo as professoras porque mais entre mãos femininas está o professorado. E quem cogita de aliviar-lhe a tarefa? Quem sabe quantas mãesinhas ou futuras mães não estarão prejudicando a saude dedicando-se ao professorado?

As difficuldades que encontram os professores cansam-lhes, abatem-lhes o espirito limitando-lhes a capacidade de acção, tirando-lhes tambem a alegria do trabalho... As longas horas de aulas em certas escolas sempre de pé, a obrigação de falar durante a aula inteira, o numero por vezes demasiadamente avultado de alumnos, mina-lhes a saude, arruina-lhes a garganta, e não encontram elles muitas vezes, no successo de seus alumnos, recompensa para tão esforçada labuta... Fatiga-se o professor em falar frequentemente a uma aula de desattentos e tambem póde se dar o facto de o alumno se cansar, enfastiar-se de prender a attenção num assumpto arido, ou difficil, ou confuso...

Não sei... não terei talvez capacidade para jul-

gar... mas parece-me que os nossos programmas têm muita sciencia, porém, não tanta efficiencia .. Esforçam-se muitos dos nossos Directores da Instrucção Publica, homens de preparo, homens de valor, mas geralmente, uma difficuldade se prende a outra difficuldade e empecilhos de ordem superior lhes atam frequentemente as mãos ..

Mais uma vez, nos meus trabalhos, não é em livros que vou procurar soluções para as questões nossas... procuro estudar no meu proprio raciocinio as nossas difficuldades tratando de descobirr soluções compativeis com o nosso meio, com as nossas inclinações e nossos recursos.

O ensino moderno quer o estudo vivo.. é a occasião que apresenta o thema do dia... mas nós aqui não chegamos ainda a um grau de cultura compativel com esse methodo, muito intelligente, é evidente, mas muito elevado e carecendo de um professorado muito especial que não possuimos ainda... Entretanto, sem uma reforma radical, poderiamos adoptar muito progresso, modernizando o que já temos de feito... Com o auxilio de um *material escolar* grande e bem escolhido, seguindo um curso já delineado, ainda sobraria aos professores dar muito do seu, animando o material que tivesse nas mãos, infundindo, em suas aulas, sua orientação, sua clareza, seu enthusiasmo...

Em muitas escolas da Europa o professor estimula o alumno a concorrer com a sua ideia, com as curiosidades, que traz para o interesse da classe inteira... são os proprios alumnos que se habituam, desde cedo, a tomar a responsabilidade da ordem em suas classes... Está se vendo desde logo que é um systema para um meio mais elevado que o nosso... ainda não é para nós... Poder-se-á iniciar alguma cousa em pequenos centros, em escolas particulares mas nunca em escolas publicas em que é necessario attender á maioria. .

Comprehende-se o systema na Suissa, por exemplo... a Suissa é um paiz velho. . a instrucção fez ahi o seu quartel general .. a creança corre ao estudo como acodem aos cursos superiores moças e rapazes, pela sêde de saber, e a familia concorre para o estudo e para os jogos, e sente-se feliz em poder entregar os filhos ao professor que lhes oriente a instrucção. Percorrer, por exemplo, museus, hortos botanicos, jardins zoologicos, fabricas e laboratorios será possivel para uma ou outra escola particular, porém não é praticavel para as escolas publicas...

Penso que estamos ainda muito atrazados para ventilar questões que não podem ainda ser postas em pratica e a meu ver é isso, em grande parte, que nos prejudica. Levantamos os olhos tão alto, tão alto, vamos sonhar com tantas perfeições, que encontramos difficuldades insuperaveis, e á vista disso não fazemos o que está ao nosso alcance.. desanimamos. . e não nos armamos para enfrental-as, amanhã, já com melhor preparo e mais segurança de exito...

E vou tocando nos diversos pontos, que se me apresentam ao espirito, Senhores, acreditae, no intuito unico de ser util ao meu paiz. Não sendo professora nem com o professorado querendo competir, desejo que veja elle em mim apenas uma alliada cheia de sympathia.

Cumpre achar um meio de seduzir para as escolas publicas e collegios particulares as ondas de creanças nossas .. Cumpre atirar-se-lhe em profusão a bôa semente para que não fique senão lugar escasso ao joio... Cumpre atapetar-se-lhe de flôres o caminho que ellas deverão trilhar com satisfacção... flôres do bem para que algum dia a lembrança do seu perfume sirva de consolo e amparo para os espinhos que deverão surgir...

Cumpre estudar um meio para chegar a esse fim... Mas onde se encontrará o filtro magico!... Num invento que não é uma novidade para a escola. Numa iniciativa que já tem sido tentada particularmente sem conseguir se impôr pela falta de apoio material...

No cinematographo talvez .. Curar o mal pelo proprio mal, applicar em nossos programmas o principio homeopatha... Não podemos afogar o cinema, que, envolto na mais perniciosa seducção, se implantou como um soberano em nossa terra, não podemos garrotear o cinema, que tem em cada individuo, por assim dizer, entre nós, um fervoroso admirador .. tomemol-o então como alliado e façamol-o compensar em bens o que nos tem feito de mal. . Aproveitemos o cinema que, em nossa Patria, tanta sciencia má tem descurado pela sociedade, que tanto ensinamento depravado tem espalhado entre o povo, que tanto requinte de vicio tem revelado á infancia, aproveitemos o cinema como elemento de primeira ordem para a diffusão do ensino.. tomemos como amigo o cinema até hoje quasi que geralmente iniquo, malfazejo, pervertedor, tomemol-o como elemento magnifico de regeneração...

Não se cogita aqui de um cinema de lucta e de propaganda contra as emprezas existentes... Trata-se simplesmente do cinema escolar geralmente desprezado por i. sosso, por sensaboroso, pelas empresas cinematographicas. . trata-se tão sómente do cinema livro aberto sem os pannos quentes das fitas comicas, para fazer engulir as fitas sérias...

E' tempo de se dar um golpe mortal nos programmas tibios e incolores... O momento é de muita gravidade e com muita gravidade deve ser encarado o problema escolar... Não é um cinema para fazer rir, é um cinema para fazer pensar... Estude-se com alegria e não com dissipação...

Não vae tão pouco o cinema fazer guerra ao mestre... ou usurpar-lhe o logar. . vae ser-lhe alliado e auxiliar precioso, vae alliviar-lhe a tarefa tantas vezes ardua...

Para lições de coisas, nos cursos primarios, que preciosidade o cinema!... Ha quem censure e até condemne as lições de coisas sem que me seja dado comprehender o motivo... Lições de coisas chamamos nós á iniciação a todos os ramos de sciencia ao alcance da creança e sem a pretenção do nome pomposo de sciencia.

As menores coisas apresentadas em figuras... as fabricas ensinando todas as industrias, fabricas

de tecidos, de papel, de lapis, de vidro, de porcelana, de comestiveis...

As pesquizas, no fundo do mar, da perola, da esponja, do coral... os escaphandros, a flora da terra com sua vegetação exuberante e os caprichos da natureza; as aguas com suas algas, seus peixes, seus mysterios... tudo quanto se procura, a tanto custo, transmittir aos cerebrozinhos infantis, tudo apresentado num golpe de vista com tanta clareza, com tanta perfeição!... Quantas vezes não teria o cinema o valor de revelar, á creança, a sua vocação...

Para o povo, no ensino nocturno, as lições animadas dariam o attractivo que confessam os Srs. professores lhe faltar... Attrahidos pelo estudo ninguem deixaria de aprender a ler para melhor comprehender o que lhe interessasse... os mesmos dizeres das fitas tornariam familiares ao olhar as lettras do alphabeto... Os proprios professores animados pelas victorias alcançadas teriam cada vez maior empenho em se aperfeiçoar em suas disciplinas... O cinematographo faria desapparecer a transicção brusca dos jardins da infancia para os cursos primarios...

E o que dizer das sciencias naturaes!.. num só film toda a vida das abelhas, tudo quanto interessa em seu trabalho... toda a fauna das mais variadas terras em seus proprios dominios... toda a flóra apresentada com tanta seducção, a planta a crescer diante dos olhos do alumno, a flor a desabrochar, o fructo a mostrar suas sementes...

Não podemos viajar? a viagem vem a nós!... Viajar por todos os pontos do mundo, ver os icebergs, as geleiras, os vulcões em erupção, as cataractas gorgulhantes, as cidades com seus caracteristicos, tudo nos bancos da escola...

Que horizontes rasgados, que clarões para o espirito, que alegrias para a imaginação!...

Na geographia já existem innumeros films e até do nosso Brasil... Estudar o systema dos Alpes por exemplo, tendo na lembrança os panoramas magnificos vistos uma ou mais vezes na téla, é povoar de imagens lindas as paginas tantas vezes difficeis e aridas de uma geographia... Porque retém melhor a geographia de um paiz quem por elle viajou? porque viu...

Ver correr a historia das fitas é gravar factos e datas, costumes e civilisações, guerras e revoltas, figuras e caracteres, progressos e invenções... E até as sciencias exactas já têm, na téla, problemas mathematicos, excellentemente explicados ao alcance de cada um...

Ver na figura animada as bellezas escondidas e longinquas de nossa terra... fazer conhecer o mar aos sertanejos e as nossas selvas aos filhos das nossas praias... descer, nos salões de aula de todo o Brasil, ás magnificencias das minas do vosso glorioso Estado...

E para as cathechistas que maravilha o cinema!... Em vez do cathecismo illustrado e tantas vezes feiamente illustrado, já entretanto é um progresso, cathecismo passado com difficuldade e com perda de tempo, de mão em mão, pelas classes inteiras, ou tantas vezes no lugar de cathecismo sem gravuras, estudado, mechanicamente de cór, á força de paciencia e fadiga immensa da pobre cathechista, que se esgota nas innumeras repetições necessarias, apresentar á meninada e ao povo simples que é como a creança, a figura viva do que se lhes quer fazer comprehender...

Na minha proxima conferencia tratarei das objecções que poderão surgir á adopção desta ideia e das suas soluções... e ainda de todo o conjuncto que poderá auxiliar o estudo das nossas escolas...

Termino hoje, senhores, com um pensamento que não é meu...

O que o ouvido recebe tantas vezes distrahido ou com esforço, se entra pela vista, grava-se na memoria indelevelmente como numa chapa photographica... Não sou eu quem o diz... é a voz geral... nem é de hoje que se pensa assim... O grande poeta latino o grande Horacio já dizia o que o nosso Ruy nos transmittiu em traducção livre e servirá de fecho ás minhas palavras de hoje:

Sons que o ouvido acolheu de presto se esvaecem,
Mas o que o olhar fiel á mente nos conduz
Cala n'alma impressões, que raro nos esquecem
Incutidas ali pelo raiar da luz...

Amelia de Rezende Martins

HISTORIA E LITTERATURA

Joaquim Silverio dos Reis

(Continuação)

No seu depoimento, diz Joaquim Silverio que o Desembargador Gonzaga desistira de seguir para a Bahia, ficando em Villa Rica para «ordir a dita sublevação»; e que a senha para o levante era esta: tal dia e tantas horas era o baptisado».

Diz que o movimento não se fizera ainda pela frouxidão do Tenente Coronel Francisco de Paula, mas havia de ser feito, apenas lançada a derrama. De uma feita disse Claudio ao respondente que «partira» com o Alferes Joaquim José da Silva Xavier, porque este fallava muito e deitava tudo a perder. No Rio, disse Tiradentes ao depoente que o Tenente Coronel Francisco de Paula era «um banana», pois já se podia ter feito tudo. Querendo fugir, pediu-lhe Tiradentes algum dinheiro emprestado, recusando-se o depoente a satisfazel-o; então o mesmo Tiradentes vendeu um mulato que tinha. Na occasião em que foi preso, tinha o Alferes um bacamarte, prompto a dar fogo. (1)

—

Apreciar serenamente a figura do Coronel Joaquim Silverio dos Reis não é facil, tão forte e tão triste é a lembrança que nos traz o seu nome. E' nosso maior desejo não commettermos injustiça alguma com nenhum dos figurantes desse doloroso drama de 1789, e nem mesmo carregarmos as côres.

Temos, porém, elementos sufficientes para um exame objectivo da questão.

Si Joaquim Silverio, portuguez, vassallo fiel da monarchia portugueza, apenas sabedor de um segredo terrivel contra a sua patria, segredo que lhe viera sem solicitação sua, se sentisse no dever de levar tudo ao conhecimento da auctoridade: si esse fosse realmente o caso, era pelo menos discutivel o procedimento do delator.

Poder-se-ia crer que não fizera elle mais do que ouvir a voz da sua consciencia: que era um convencido da legitimidade do governo portuguez, e não sómente da legitimidade, mas das excellencias do regimen colonial, de modo a ser tambem um convencido de que a sublevação daria em desastre para o paiz, em desgraça para o povo. Poder-se-ia crer que elle, bem pesando a gravidade da situação e bem seguro na sua consciencia, preferisse ser leal ao seu Governo e á sua Soberana, embora pudesse ser considerado como tendo incorrido em deslealdade para com os que nelle haviam confiado.

Não se pode absolutamente sustentar que o silencio seja sempre o partido digno para quem recebeu uma confidencia perigosa, embora se trate do mais monstruoso crime. Traidor e delator seria então o generoso Fabricio, mandando entregar a Pirrho o medico infiel, que se offerecera ao General romano para envenenar o seu proprio rei.

Esse, porém, não é o caso de J. Silverio. Em primeiro logar, sómente lhe revelaram o segredo do levante, quando nelle viram tambem um descontente, não só em razão do desfalque que havia dado, como pelas palavras amargas que elle mesmo confessa ter pronunciado contra o seu governo, attitude essa que exclue a presumpção de uma grande fidelidade, de um grande amor e devoção á patria e á rainha.

Em segundo logar, o seu procedimento foi todo interesseiro. Apenas sabedor da existencia de uma conjuração, mostrou-se o Coronel jubiloso, e assim o declarou, porque excellente occasião se lhe offerecia de prestar ao governo um relevante serviço e delle receber o perdão do grande desfalque em que incorrera.

Em terceiro logar, J. Silverio não se limitou a delatar o que sabia; elle se constituiu espião, ao mando do Visconde de Barbacena, indo arrancar aos conjurados, confidencias compromettedoras, usando para com o Alferes Joaquim José, do mais negro e mais infame procedimento, sem justificativa possivel.

Bastam estas considerações para um julgamento segundo a estricta justiça, julgamento que é todo desfavoravel a J. Silverio, e que justifica e confirma plenamente o estigma lançado sobre o seu nome.

O proprio descendente do traidor, relembrando as conversações dos seus velhos paes, que se esforçavam por justificar o procedimento do Coronel, attribuindo-o a um instincto de fidelidade ao throno de que era elle vassallo, confessa nobremente que a J. Silverio faltava energia de caracter, e que, mettido em uma situação equivoca, só conseguiu della sahir do modo mais infeliz e mais indigno. (2)

Não são esses, entretanto, os unicos elementos para a critica da figura de J. Silverio.

No processo relativo ao desfalque, de que já fallamos, é J. Silverio considerado—*doloso, fraudulento* e *falsificador*.

Tinha o Coronel o appellido de *Joaquim Salterio*, assim como o seu irmão *João das Maçadas*, porque, como dizia o Coronel Francisco Antonio, eram elles os dous maiores maganões que jamais haviam passado de Portugal para o Brasil. Frei Raymundo de Penna Forte diz que muitos attribuiam a delação de J. Silverio á conveniencia e desejo de maior fortuna. (3)

O proprio Vice-Rei não tinha em boa conta o delator da conspiração. Logo depois da prisão de Tiradentes, mandou o Vice-Rei prender tambem Joaquim Silverio, que foi mettido na mesma Fortaleza da Ilha das Cobras, onde estava a sua victima, porque «sendo elle um dos mais descontentes

———

(1) *Depoi.* a 18 de Maio de 1789. (2) Cordeiro Montenegro—*Tiradentes* pags. 31 a 56. (3) *Ultimos momentos* (4) *Officio* de 16 de Julho de 1789. Rev. In. Hist. e Gr. Br. Anno

daquella Capitania pela grande somma que deve á fazenda real, procedida do tempo em que foi contractador do contracto das entradas, pela qual se viu muito apertado, da qual só por alguma industria podia livrar os seus bens, que mesmo todos não chegarão a pagar a mesma somma, e tem um caracter disposto para qualquer maldade que o conduzisse áquelle fim, é bem de presumir que fosse talvez a origem daquelles mesmos horrorosos projectos de que agora se fez denunciante.» (4)

Mais tarde, disse o mesmo Vice-Rei que, estando apurado pela devassa, «que o Coronel Joaquim Silverio dos Reis foi o principal denunciante, que por isso, ainda quando tardasse em o ser, merece attenção, me resolvo a mandal-o pôr em liberdade.» (5)

Já se vê, pois, que o proprio Vice-Rei considerava o delator como um homem mau, perfeitamente capaz de ter sido a auctor do projecto de sublevação, de que se fizera denunciante. A propria tenacidade de J. Silverio em pedir, mais tarde, o premio aos seus *serviços*, prova muito contra elle.

Lucio José dos Santos

XXX, 1867. (5) *Officio* de 30 de Dez. 89, *Ibidem*.

ESCOLA NORMAL MODELO

Lyra de Gonzaga allusiva ao visconde de Barbacena

I

A elevação de sentimentos é o traço proeminente do vulto moral de Gonzaga. Bafejado pela felicidade ou perseguido pelo infortunio, manifesta sempre a mesma grandeza de animo, a mesma brandura de coração. Apaixonado por Dorothéa, a decanta em ternissimas lyras, sem a menor quebra das leis severas da castidade.—Se não sonhasse com a possibilidade de prole, ninguem ousaria duvidar do platonismo de seu amor.

Entre as tribulações do carcere, onde o havia lançado a vingança de infame delator e calumniador, diz elle a Marilia, figurada em um amigo:

Se ao meu contrario entre chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira;
Inda por elle muito mais obrara;
E se nada servisse,
Fizera então, amigo, o que fizeste:
Gemera e suspirara.

Inflammado de indignação contra a calumnia de que era victima, dirige á sua amada uma lyra, em que da vehemente apostrophe com que exprobra o calumniador, se eleva ao perdão do mesmo, dizendo :

Ah! quando imaginar que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo,
Hei de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo:
Eu então lhe direi:—Infame, indino,
Obras como costuma o vil humano,
Faço o que fez um coração divino.

Na solidão do carcere, tomando por juiz a propria consciencia, abre o coração no seguinte soneto, que reflecte a brandura e nobreza de seu caracter :

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvi aos sabios quando errar temia;
Aos bons no gabinete o coração abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.
Julgando os crimes nunca o voto dava
Mais duro ou pio do que a lei pedia,
Mas, devendo salvar o justo, ria,
E devendo punir o réo, chorava.
Não foram, Villa Rica, os meus projectos
Metter em ferreo cofre copia de ouro,
Que farte aos filhos e que chegue aos netos.
Outras são as fortunas que me auguro;
Ganhei saudades, adquiri affectos;
Vou fazer dastes bens melhor thesouro.

II

Em desmentido do que acabamos de assignalar, contrapõe-se a lyra em que Gonzaga, defendendo o visconde de Barbacena das increpações de Dorothéa, lhe tece encomios que tocam as raias da bajulação : Eil-a :

Não praguejes, Marilia, não praguejes
A justiceira mão que lança os ferros;
Não traz debalde a vingadora espada:
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem
As mãos se deram; no seu peito moram;
Manda prender ao réo a austera bocca,
Porém seus olhos choram.

Se á innocencia denigre a vil calumnia,
Que culpa aquelle tem que applica a pena?
Não é o julgador, é o processo,
E' a lei quem nos condemna.

Só no averno os juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano,
Alli todos confessam suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as furias affligindo aos tristes:
Chega uma o fogo e outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nem um accusa Jove.

Eu tambem inda adoro o grande chefe,
Bem que a prisão me dá, que não mereço;
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassalo que julga delinquente,
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, os mesmos Titos
Nas sãs virtudes que no peito abrigas:
Não honras tão sómente aos que premeias,
Honras a quem castigas.

Esta lyra, inneganvelmente lisonjeira, tem dado logar a que seja Gonzaga acoimado de pusillanime e bajulador, e tambem de ingenuo por ter acreditado que, com louvaminhas descabidas, podia conquistar a benevolencia e protecção do potentado que o mandára prender.

Attentas certas circumstancias que não têm sido ponderadas, é de todo improcedente tão desairosa censura.

Gonzaga escrevia lyras só para Dorothéa, e não as enviava senão a ella, que por certo a ninguem as iria mostrar. Não escreveria lyra encomiastica para chegar ás mãos do elogiado, porque tinha consciencia de que praticaria com isto um acto mais digno de desprezo, do que de acolhimento.

E não é só isto: resaltando da lyra haver Dorothéa amaldiçoado o visconde, não commetteria a leviandade de indispôl-o contra ella, até porque em revindicta poderia tomar providencias no sentido de fazer cessar a correspondencia entre os dous.

De mais a mais, devia saber que o visconde não era nenhum imbecil para se deixar levar por lisonjas lyricas.

O que se infere de tudo isto é que Dorothéa, escrevendo a Gonzaga, maldisse disfarçadamente o visconde de Barbacena por haver mandado prendel-o, induzido tão sómente por delação calumniosa e indicios leves.

Magistrado integro, habituado a julgar sem paixão, sensibilizou-se com a injustiça das increpações de sua noiva, e procurou por isso desvanecer-lhe no espirito o juizo erroneo e desfavoravel que formava do increpado. Não podia fazel-o em carta, porque só lhe dirigia lyras (1). Estas tinha a certeza de que lhe seriam entregues; cartas não o seriam, ainda que lh'as pudesse escrever, apesar de incommunicavel.

Esclarecidos assim os pontos acima expostos, entremos em outras considerações, decorrentes do assumpto.

III

Já sabemos de sobra que o visconde de Barbacena, por ter dado ouvidos a um miseravel delator, mandou prender Gonzaga, sem ter provas positivas de sua delinquencia.

Sendo esta a verdade, acode naturalmente ao espirito a pergunta: que razões intimas teriam movido Gonzaga a exalçar o visconde de Barbacena a ponto de sobreleval-o a Tito, que dos imperadores romanos foi justamente o que mais respeitou a liberdade dos cidadãos, e mais detestou os delatores, com cuja influencia acabou, banindo-os de Roma?

---

(1) Este ponto ficou explicado em outro logar da obra de que faz parte o presente capitulo.

Gonzaga, como já ficou dito, era dotado de nobilissimos predicados, que o tornavam geralmente considerado e acatado. Não é, pois, crivel que o infortunio tivesse tido o poder de transformal-o em sabujo, levando-o a lamber ignobilmente os pés do violentador de sua liberdade. A lyra malsinada deve ser tomada, não como indicio de perversão de caracter, mas como a voz da consciencia de um juiz recto, como brado de gratidão de um peito nobre, como vehemente affirmação da verdade, desvirtuada no espirito de sua noiva, com quem fallava.

Para Gonzaga, que tratara com o visconde de Barbacena quasi um anno e observara serenamente seus actos e tendencias, não era elle um satrapa de lettras gordas, malvado, violento, retrahido, desconfiado; mas um espirito culto, austero, justiceiro e sobretudo compassivo e humanitario. Fazia prender os delinquentes em obediencia ás leis e a bem da ordem publica, mas inclinava-se sempre á brandura e á benevolencia.

Dadas as circumstancias excepcionaes em que se achava Gonzaga, deve seu juizo, neste particular, ser havido por insuspeito. Será, porém, verdadeiro? Examinemol-o sem parcialidade.

IV

Personagem tristemente celebrizada na tragedia da conjuração mineira, mas ainda não convenientemente estudada quanto ao papel que nella representou, supporta o visconde de Barbacena, ao lado de Joaquim Silverio dos Reis, todo o peso das maldições do patriotismo exaltado.

Para averiguar até onde é verdadeiro o conceito que delle fazia Gonzaga, é mister consagremos algumas linhas á sua biographia, tão pouco conhecida entre nós.

Luiz Antonio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, 6.° visconde e 1.° conde de Barbacena, nasceu em Lisboa a 7 de setembro de 1754. Descendia do 1.° visconde do mesmo nome, Affonso Furtado de Castro do Rio e Mendonça, que foi o 26.° governador e capitão general do Brasil, onde falleceu em 1675.

Tendo terminado o estudo de humanidades, em que revelou desde logo brilhante intelligencia e infatigavel applicação, mandou-o seu pae para a universidade de Coimbra, que havia acabado de passar pela reforma decretada pelo marquez de Pombal em 1772.

Alli cursou com distincção as faculdades de philosophia e de leis, em que se doutorou ainda muito moço, deixando naquelle estabelecimento de ensino superior a tradição honrosa de seu talento e incançavel actividade.

Logo depois de formado, casou com D. Anna Rosa José de Mello, filha primogenita dos marquezes de Sabugosa, da qual teve diversos filhos.

Não obstante os cuidados de familia, que foram crescendo de anno para anno com o augmento de prole, continuou a applicar-se ao estudo com o mesmo afinco, cultivando de preferencia a historia natural, pela qual tinha particular predilecção.

Não tardou que o governo aproveitasse sua aptidão, nomeando-o para reger a cadeira da referida sciencia, na universidade de Coimbra, como substituto do insigne naturalista italiano, Dr. Domingos Vandelli.

Em 1779, o duque de Lafões, unido ao sapientissimo abbade José Correia da Serra, fundou a Academia Real das Sciencias de Lisboa, composta dos homens mais eminentes em sciencias e lettras que existiam em Portugal. O visconde de Barbacena, que por esse tempo contava apenas vinte e cinco annos de idade, foi um dos instituidores da notavel associação scientifica, que ha quasi seculo e meio vem prestando relevantissimos serviços ás sciencias e lettras, mantendo-se sempre á altura de sua grandiosa missão.

Ao lado do duque de Lafões, que foi seu primeiro presidente, e de tantos vultos insignes das lettras portuguezas, exerceu o visconde de Barbacena o cargo de 1.° secretario (2) desde a inauguração solemne do instituto, em 1780, até o anno de 1788, em que foi nomeado governador geral da capitania de Minas.

E' de crer que muito influisse para sua nomeação a conhecida predilecção que tinha pelo estudo da historia natural. O governo da metropole, inspirado talvez por Vandelli, já começara a volver suas vistas para as riquezas naturaes da capitania, as quaes procurava conhecer.

Para exploral-as e estudal-as talvez sob seu aspecto economico, já tinha commissionado o competente naturalista mineiro, Joaquim Velloso de Miranda (3) doutor em philosophia pela universidade de Coimbra e correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa o qual já havia começado suas pesquizas em 1787, no governo do conde de Lumiares (4).

O visconde de Barbacena governou a capitania desde julho de 1788 até agosto de 1797 (5). Voltando a residir em Lisboa, exerceu os seguintes cargos: de veador da princesa d. Carlota Joaquina, depois rainha de Portugal; de presidente da mesa de consciencia e ordens; de conselheiro de Estado; de secretario da mesa da Santa Casa de Misericordia de Lisboa. Neste ultimo cargo diz um de seus biographos, prestou relevantes serviços, fazendo entrar em ordem os negocios desse instituto pio os quaes se achavam em grande confusão. Em 1815 voltou ao Brasil, em 1816 foi elevado a conde e em 1826 nomeado par do reino.

Falleceu viuvo a 7 de abril de 1830. Ia fazer setenta e seis annos de idade a 7 de setembro.

De seus filhos o mais illustre foi Francisco Furtado, 2.° conde de Barbacena, que em 1789 as-

---

(2) O secretario accumulava as funcções de orador da Academia. Em todas as corporações congeneres da Europa o cargo de secretario é occupado por espiritos eminentes.

(3) Innocencio o suppõe nascido em Minas Geraes.

(4) Archivo Publico Mineiro, portaria de Luiz da Cunha Menezes, datada de 17 de fevereiro de 1787.

(5) Depois de Gomes Freire de Andrada, foi dos capitães generaes de Minas o que governou por mais tempo

sentou praça de soldado (6) no regimento de cavallaria de Villa Rica, e, após brilhantissima carreira militar, chegou ao posto de marechal de campo. Occupou diversos cargos elevados, entre os quaes o de chefe do Estado Maior do exercito, ministro dos extrangeiros, etc. Notabilizou-se não só por sua intelligencia como alumno da Academia Real de Fortificação, mas tambem por seu valor e bravura nos combates em que entrou, e sobretudo por seu espirito de caridade, despendendo consideravel parte de suas rendas em esmolas e com obras verdadeiramente humanitarias. Por acto de ultima vontade determinou a creação de um asylo, na villa de Barbacena, destinado ao recolhimento e educação de meninas desamparadas.

Falleceu em 1854, e a seu funeral, diz Pinheiro Chagas, concorreraram todos os homens importantes que viviam em Lisboa sem distincção de partidos, e o prestito que acompanhou a pé o feretro, desde a igreja da Graça até o cemiterio do Alto de S. João, era numeroso e imponente.

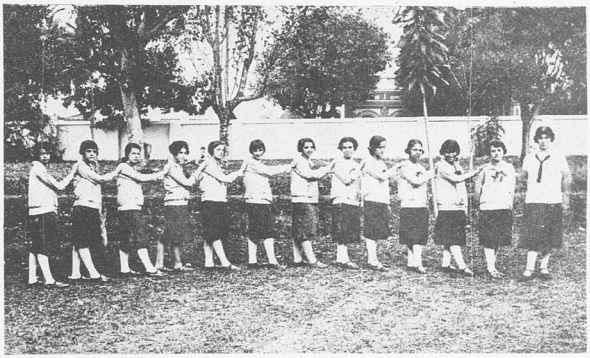
Em suas exequias, que foram pomposas, prégou o notavel orador evangelico, padre Francisco Malhão, cuja oração funebre é um modelo de eloquencia sagrada, e um dos seus mais apreciados sermões.

(Capitulo XII de *Marilia de Dirceu*, obra inedita).

(Continúa)

THOMAZ BRANDÃO

(6) Tinha então nove annos de nascido. Os filhos menores de paes nobres podiam assentar praça em qualquer idade; mas para serem admittidos como cadetes deviam ter pelo menos quinze annos.

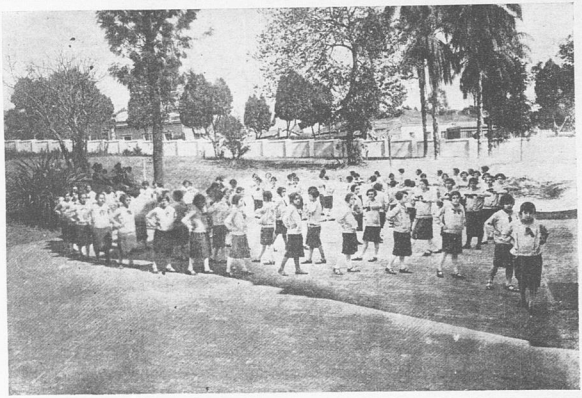


A professora de educação physica da Escola Normal e o corpo de monitoras.

A MUSICA NA ESCOLA

O ensino de musica está hoje diffundido por toda a parte e constitue elemento integrante e essencial da educação. A creança, desde a primeira infancia, respira um ambiente de respeito e mesmo de veneração pela musica, e os paes são os encarregados de manter o fogo sagrado. Ao ingressar na escola, começa logo o menino a receber lições de musica, não as esquecendo até o termino dos estudos.

No Kindergarten ha jogos physicos e sobre poesia e musica, por meio dos quaes se desenvolvem consideravelmente tanto os musculos como as forças interiores, adquirindo os pequenos escolares, em maior ou menor grau, uma eurythmia que lhes constitue um grande beneficio para o futuro. Conforme vae crescendo em idade, deparam-se ao alumno ensinos technicos, para que, sem esforço, chegue a a ler e exprimir por orgam dos signaes de musica, seus sentimentos intimos, como por meio da linguagem fallada, comprehende e expressa as idéas. O canto coral é objecto da maior attenção nessas disci-



Alumnas da Escola Normal Modelo.— Aula de gymnastica rythmica.

plinas, pois, pelo seu exercicio, desperta-se o espirito de sociabilidade, e assim quando a creança tornar-se homem, é um ser disposto para a vida em commum e tem a consciencia de que, emprestando seu esforço ao conjuncto, a vida é mais suave pelo facto de ser a sociedade culta e bem organizada.

O canto coral é, socialmente encarado, de grande valor. Poucas cousas na vida offerecem, como esta disciplina artistica, innumeras vantagens sem a minima inconveniencia. No ponto de vista moral é a musica de inestimavel poder educativo: sensibilisa o espirito, afugenta as idéas perniciosas, toma, de modo ameno, o tempo consagrado á diversão e espairecimento do animo.

Como a musica se baseia na poesia, a que sublima, põe-nos em contacto intimo com esta e nos faz melhor comprehender e melhor sentir; permitte olvidar agruras e dores de que forçosamente o homem é victima, ou, pelo menos, dulcifica-as e suaviza; augmenta nossas ledices, expurgando-as dos sentimentos degenerados que ellas possam quiçá inspirar: grava na memoria e no peito momentos e episodios da vida, envolvendo-os em nimbos de belleza que torna grata a recordação; bane a ociosidade, prodromo de toda maldade: afasta o vicio e as paixões malsãs: ennobrece e eleva a alma; permitte, por sua natureza singularmente augusta, fraternizar os homens, que, vinculados por tão estreito liame, convivem e se conhecem e olvidam e perdoam as differenças de classe, de idéa, de condição, para num amplexo de pae e concordia, renderem a homenagem á arte que tudo ultrapassa.

Desde o ponto de vista hygienico constitue um magnifico meio prophylactico, pois o cantar, alem do bem que traz á parte moral do individuo, evita, segundo affirmam physiologos de escol, grande numero de molestias, que são o açoute da humanidade. E' um facto que a respiração rythmica —no canto não se procede de outro modo—desenvolve os orgams relacionados com a musica, de maneira methodica, insensivel e agradavel.

Eis o que diz um sabio hygienista:

«Aquelle que canta faz um seguro contra a tuberculose.»

Outro aspecto interessante offerece a pratica desta disciplina pedagogica.

Como o canto coral, depois de certo tempo, se executa polyphonicamente, o cantor habitua-se a interpretar a sua parte, ouvindo ao mesmo tempo as outras que são differentes entre si, alcançando assim um dominio e uma consciencia propria, como tambem um respeito para com os companheiros. Acostuma-se depois a cumprir uma missão nem mais nem menos importante que as que formam o conjuncto. Aprende a esperar e a intervir na occasião determinada, a submetter-se a uma direcção, sem detrimento de sua dignidade, de seu amor proprio e de seu orgulho. Abate e exalta o individualismo, isto é, equilibra as funcções de sua individualidade, apparelhando-a para não ser demasiadamente passiva, nem excessivamente activa na vida social.

(Continúa)

(Da revista *El Monitor de la Educacion Comun*, de Buenos Ayres.

ÁS CREANÇAS
DO
Grupo Escolar Coronel Coelho
EM CAPELLINHA

Juscelino Barbosa

Meninos, meus innocentes amiguinhos de hoje' meus grandes amigos de amanhan!

Meninas, flores da belleza de minha Terra!

Eu sou o peregrino da saudade: venho de longes terras extranhas trazer á nossa Capellinha o beijo da minha ternura filial. E vejo aqui, em vós que sois a Capellinha de amanhan, a doce representação viva da Capellinha de hontem, onde viveram, trabalharam e soffreram aquelles que tanto amei, e a continuação da Capellinha de hoje—terra abençoada de Deus onde «aos beijos do sol sobram as colheitas», onde «aos beijos do amor crescem as familias», terra de paz e de trabalho, de bondade e de fartura, de honestidade e de esperanças. Deus te cubra de bençams, afaste de ti as lagrimas e faça desabrochar em ti os sorrisos da felicidade completa, Terra amoravel e boa, onde descançam para sempre as cinzas dos meus e eu quero que as minhas venham descançar da jornada fatigante em que vou!

—Eu amo as creanças e os velhos. Aquellas, porque não conhecem ainda o mal, nem o praticaram; estes, porque não o podem mais commetter e principalmente porque já soffreram. O homem e o soffrimento são duas palavras, duas noções que andam sempre associadas e inseparaveis na vida. Viver é soffrer e assim quem mais viveu mais soffreu. Lá diz o poeta sentimental, mas verdadeiro:

Quem passou pela vida em branca nuvem
E em placido repouso adormeceu,
Quem passou pela vida e não soffreu,
Foi espectro de homem, não foi homem;
Só passou pela vida: não viveu!

Os velhos e as creanças são os dois extremos da vida. Aquelles, como eu, que vão a meio della ou pouco mais, adoram as creanças como uma esperança daquillo que não puderam fazer, reverenciam os velhos como exemplos daquillo que ainda esperam realizar. Eu—si infelizmente já não sou uma creança, ainda não sou tambem um velho: estou nessa phase dolorosa da vida em que o coração começa a povoar-se de cruzes como um cemiterio de saudades, porque já se foram para o Além aquelles que nos crearam; e ao mesmo tempo arrancam-se-nos pedaços do coração, porque começam a partir para a lucta da vida e a nos deixar sosinhos aquelles que nós creámos. .

Não é uma aurora, porque o sol já vae em meio do Ceu; não é um crepusculo, porque ainda brilha com fulgor: mas juro-vos que é a phase da vida em que mais se soffre. Assim, si me virdes hoje chorar, é porque eu talvez ainda seja uma creança. Felizes daquelles que ainda têm lagrimas, porque o seu coração não seccou completamente!

Si me virdes rir e contar casos e historias, é porque provavelmente já me vou tornando velho e anedoctico... Um pouco de creança—para sentir e chorar; um pouco de velho, para rir e commentar. Mas é delicioso viver assim!

A Capellinha de hoje, que eu me orgulho de representar, vem falar á Capellinha de amanhan, que sois vós, meus amiguinhos do Grupo Escolar, da Capellinha de hontem que podemos synthetisar naquelle cujo nome ledes no frontal deste predio todas as vezes que, ao entrar, levantaes a vista ao alto. Porque se deu ao Grupo Escolar de Capellinho o nome do Coronel Coelho? perguntareis talvez vós que para aqui vistes depois que elle emprehendeu a eterna viagem. Quem era o Coronel Coelho? E' o que eu venho dizer-vos hoje, meus queridos amiguinhos, minhas lindas florinhas em botão. Faço dois mandados de uma via só: cumpro um dever de gratidão para com elle e presto-vos contas do que elle me mandou fazer pela Capellinha. Porque foi para isso que elle me creou e me educou: para trabalhar pela Capellinha. Portanto, pensando em mim e cuidando de mim, elle pensava em vós e cuidava de vós: a creança de hontem recebia um honroso mandato que se esforça hoje por desempenhar cabalmente, com todas as veras de seu coração. No correr desta palestra iremos vendo discretamente como foram e vão sendo cumpridas as ordens daquelle que representa o nosso passado sadoso; e em rapidos traços desse passado tentaremos esboçar a figura de quem tão dignamente o synthetisa.

Um pouco de autobiographia. Para mim o passado começa naquella tarde chuvosa do anno de 1870 e... (eu tinha 4 mezes de vida e por isso não sei o anno certo, nem sou obrigado a me lembrar) quando cheguei pela primeira vez á Capellinha. Porque é preciso confessar-vos de começo que eu sou filho adoptivo de Capellinha: de nascença sou chapadeiro, isto é, do districto de Santa Cruz da Chapada, onde depois das chuvas as folhetas de ouro apparecem nas terras lavradas pelo ceu. Nasci na fazenda da Samambaia, o que não significa absolutamente que eu seja um munheca de samambaia... Ao contrario, fui informado ha tempos por uma cartomante de Paris que não tenho nada e que nunca terei cousa alguma porque sou um «mãos abertas». Antes isso! Com as mãos abertas espalham-se mais beneficios do que com ellas fechadas; parece evidente... E todo aquelle que, ao fim da vida, puder verificar que foi um semeador dadivoso e não um colhedor egoista, terá o direito de sorrir indulgentemente da vida e dos vivedores. Chegava eu, portanto, á Capellinha com 4 para 5 mezes de edade — ha bem uns 30 annos isso, posso garantir—trazido amorosamente ao collo de minha Mãe. A tarde era aspera e chuvosa, a marcha tinha sido longa: deviamos estar todos muito cançados, eu menos talvez—porque vinha mamando regaladamente e bem rebuçado e ao calor de um seio de Mãe. Quereis ver agora como a Capellinha me recebeu? Quantas vezes depois cheguei aqui e fui recebido com a mesma alegria conforta-

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

dora de ha poucos dias! Mas daquella primeira vez não tive encontro... Ainda era cedo demais. Entretanto, aquelle dia da minha chegada decidiu da minha vida. Esperavam-nos o Coronel Antonio Coelho da Silva, cunhado de meu Pae, e a bondosa e santa Tia Sinhá—de quem certamente tereis ouvido falar em vossas casas. O velhaquinho que vinha carregado ao collo foi passado aos braços do velho Tio, para que a Mamãe pudesse apear-se da montaria. Que mysteriosos effluvios de sympathia se trocaram entre o infante e o homem bondoso que o recebia? O certo é que, quando quizeram tomar-lhe o menino, este recusou e apegou-se a elle como si muito conscientemente escolhesse um destino, um apoio, um auxilio decisivo para a vida. Talvez fosse aquella a primeira e unica velhacaria que o pirralho recém-chegado tenha praticado até hoje; mas não se arrepende e abençôa a memoria veneranda de quem o educou e transformou. Desde a chegada arranchei, portanto, com meu Padrinho e arranchado fiquei: era a Capellinha que me adoptava. Porque o Coronel Coelho—o energico, bravo e bondoso Vovô Coelho—como a meninada depois lhe chamava—já era então o Patriarcha da Capellinha.

Vindo para aqui alguns annos antes, depois de uma verdadeira epopéa de luctas e trabalhos em que apparecem até as asperezas do Sincorá e do sertão bahiano, conquistara pelas suas raras qualidades de alma e de coração o logar de chefe amado e respeitado: todos o reverenciavam e o ouviam, todos o temiam e acatavam — e todos o amavam, porque era fundamentalmente bom e caridoso. Alto, corado, com as barbas e a cabeça de neve, apurado no vestir, sempre com um conselho e uma palavra para resolver as difficuldades de quem a elle recorria, abrindo a bolsa como abria o coração bondoso —qual dos moços ou dos velhos da Capellinha de hoje não se lembra delle com a mesma saudade que eu sinto?

—Contei-vos a minha primeira chegada á Capellinha; mas, como vos disse a edade com que cheguei, leio nos olhinhos espertos que me fitam uma interrogação: —«Como sei eu essas coisas, si era tão pequenino»? Contava-m'as elle mesmo mais tarde quando eu, já grandinho e estudando, nas ferias passava os longos serões ouvindo-o naquella sala, sempre cheia de parentes, da casa das moitas de bambú na porta. Contou-me tambem isso e tantas coisas mais da minha meninice a minha boa e veneranda Madrinha Beata (D. Beatriz Barbosa), chronica viva da nossa familia e cuja presença nesta sala é a mais doce evocação desse passado de saudades que eu rememoro. O Velho que era meu padrinho de chrisma, porque eu já vim para aqui baptizado na Chapada pelo padre Mendes, ao referir-me certa vez ao dia da chegada e como eu não quizera mais deixal-o, commentou com os olhos cheios de lagrimas: «V. sempre foi espertinho». Madrinha Beata contou-me que eu fui dos taes que engatinham de barriga no chão: esses que iniciam os movimentos da vida remando com os pés e com as mãos.

Dizem os entendidos em horoscopos que taes meninos vão longe. Garanto-vos que, si a Historia indagar um pouco, ha de verificar que o Mello Vianna engatinhava de barriga no chão... Quantos haverá entre vós que tambem engatinharam assim? Deus os abençoe e os leve longe, bem longe no caminho da felicidade!

As recordações propriamente pessoaes, as primeiras imagens definitivamente fixadas na minha alma de creança, começam bem cedo.

Acima de todas, dominando-as como a imagem de uma santa no altar-mór domina tudo na egreja, está a lembrança de minha Mãe.

Perdi-a muito cedo, cedo demais! Mas, si eu fosse um pintor, era capaz de desenhar-lhe o retrato—tão vivo e nitido o conservo no coração.

Doces recordações da meninice! Quando as tiverdes mais tarde, meus amiguinhos, cultivae-as e guardae-as com carinho: são as reservas de energia do homem que lucta e trabalha. De mim vos confesso que nos momentos de dor—e tenho tido muitos—e nos momentos de alegria—e tenho tido alguns; nas horas de soffrimento e nas horas de gloria e de satisfação, é para a imagem de minha Mãe que se volta a minha alma torturada ou contente, o meu espirito corajoso ou conturbado. Ella vive dentro em mim como um pharol de esperança que alumia longe e indica os perigos a evitar; ella fulge dentro do meu coração, muitas vezes escuro de pesares, como esses brilhantes do nosso Norte que irradiam claridade deslumbrante quando tocados por um pequenino raio de luz.

Não sahiriamos daqui hoje si eu fosse transmittir-vos todas as impressões que conservo, todas as recordações que posso evocar. De minha Mãe a ultima e mais dolorosa é a de sua morte: a casa em que sua alma se desprendeu do corpo, as minimas circumstancias daquelle momento de dor—que foi a primeira sacudidela forte que o infortunio me deu para me acordar para o soffrimento — a nossa Capellinha inteira abalada e chorosa, o enterro a que concorreu todo o povo dos arredores — porque a bondade de D. Mariasinha a todos tinha beneficiado e não havia lar em que seu nome não fosse abençoado; as luzes, as lagrimas, as bellas palavras que em elogio da bondade e das virtudes da morta pronunciou o então Vigario Padre João Antonio Pimenta, hoje venerando bispo de Montes Claros — a quem envio do seio da nossa terra commum um pensamento de affecto e de agradecida amizade — os tristes dias de lucto e de isolamento moral, nada se me apagou da lembrança. Deus, que é tão bondoso, viu decerto a chaga immensa que ficara no meu coração e, para trazer-lhe um balsamo, deu-me mais tarde a mim e a meus irmãosinhos uma outra Mãesinha que aqui está a meu lado, tão santa, tão boa, tão digna do suave, doce e ineffavel nome de Mamãe— como aquella que foi para o Céo! Bastaria isso para que eu causasse inveja aos outros homens: perder uma Mãe e arranjar outra. Não digo bem: não foi só a minha Mamãe actual que eu arranjei; Mãe carinhosa e santa tive eu tambem em minha Madrinha Sinhá que me aguentava as birras e me adormecia ao collo até não poder mais me carregar—de

grande e pesado, que velava para que eu não me desrebuçasse á noite, que chorava de dor quando eu partia para o Collegio, que ria de prazer quando eu chegava nas ferias.

Não era só isso: como amorosas auxiliares das bondades maternaes que me rodeavam e me tornavam a vida suave como um berço acolchoado e bem macio, vejo ainda em torno do futuro doutorsinho Madrinha Beata, Tia Mici, Tia D. Anna. Ah! si eu fosse contar-vos o que eram minhas férias passadas litteralmente a devorar os quitutes que desde principio de julho começavam a ser fabricados para mim! Alli por fim de setembro, depois de ter passado dois breves e curtos meses entre os bolos fôfos de Madrinha Beata, os celebres biscoutos de gomma de Tia Mici, os doces famosos de Tia D. Anna que reforçavam condignamente os armarios recheiados por Mamãe e minha Madrinha, quando chegava a hora sobre todos triste de deixar aquellas delicias, eu amaldiçoava o collegio e sua mesa frugalissima e parca, mas acabava sempre reforçando a resolução de estudar muito, tirar boas notas e merecer nas ferias seguintes doses tambem reforçadas de quitutes e doces. E aqui está uma reflexão sensata a fazer: quem sabe si o bom estudante não depende mais do trato que lhe dão nas ferias do que mesmo dos professores? Quando fordes estudar longe da Capellinha, meus amiguinhos, fazei como eu fiz: sê de bons estudantes, trabalhae muito—sempre com o pensamento em vossos bondosos parentes que farão o sacrificio de custear a vossa educação e hão de preparar-vos, certamente, ferias tão deliciosas como as que eu tinha aqui.

Dizei-me agora, depois de tudo que acabo de vos contar, si eu não devia mesmo sahir uma joia, uma perola—creado como fui, tratado como era? E dizei-me tambem si não tenho razão de querer terminar bem a minha vida onde tão bem a comecei, isto é, voltar ao seio da minha Capellinha? Mas isso são projectos de futuro. Occupemo-nos do presente, ou antes, voltemos ao passado. Já vos falei da bondade dos meus; mas a creança não se educa só e apenas com bondades; é preciso e indispensavel um pouco de severa energia. Eu a tive para bem da minha sorte e abenção mil vezes aquelles que m'a applicaram. Tres surras famosas que levei, além de outras menores, todas merecidas e justas, documentam bem o que vos digo: foram devidas a uma má creação revoltante e duas artes diabolicas que pratiquei. A má creação foi esta, indigna de um menino de juizo. Eu tinha uma excellente professora particular, D. Maria Benedicta Peregrina e Silva, vinda de Minas Novas, que conseguira fazer um diabrete de 9 annos ler, escrever e contar bem e aprender musica. E foi justamente a musica—que eu sempre adorei e prezo cada vez mais—a causa do meu desastre. D. Maricota, que era uma calligraphia admiravel, de uma letra digna das antigas bibliothecas benedictinas, me preparara uma «Arte de musica» copiada em papel Hollanda finissimo que hoje não apparece mais. Pois um bello dia não sei que demo me roncou nas tripas e eu rasgo o precioso trabalho da professora em pedacinhos e atiro-os sobre ella como se já fosse um hòmem grosseiro e insolentão. Paguei no *suffragante*: Meu padrinho informado deu-me uma tunda daquellas que levam o supplicante á bacia de agua com sal. Bemdicta seja a mão bondosa e severa que me castigou! Perdidas foram as lambadas que cahiram no chão!

De outra feita o Manoel Girão, que era uma das instituições de Capellinha de então, inventou fabricar, commigo, polvora escondido para festejar Santo Antonio com estrondo no dia de meus annos. Eu pedi á Mamãe qualquer coisa para isso—salitre ou dinheiro, e recebi prohibição formal de brincar com polvora. Desobedeci. O Manoel Girão era um tentador e eu já era devoto de Santo Antonio. Fabricámos a polvora bem escondidinho e numa desastrada experiencia feita na beirada do pilão fatal, este incendiou-se todo. Eu corajosamente enfiei mão e braço dentro delle para apagar: nunca tive medo de gente quanto mais de polvora... Resultado: uma vasta queimadura que abrangeu o antebraço e o braço - da qual conservo ainda hoje a cicatriz, e que me valeu primeiro curativos carinhosos e, depois de curado, uma sova exemplar applicada com methodo e paciencia. Bem a mereci: podia ter morrido e, para aprender a viver e obedecer, fui devidamente castigado da minhai indigna desobediencia. Ao Manoel Girão não me lembro bem o que aconteceu: foi talvez desterrado para Urupuca... Beijo as mãos carinhosas de minha Mamãe que me sovaram com tanta justiça depois de me terem curado cuidadosamente!

A terceira surra que merece ser lembrada pela sua importancia como as outras—foi por ter eu intervindo certa vez em defesa de alguem que apanhava merecidamente e está aqui me escutando... Sabereis por acaso o que é um *rabo de tatú?* Já tereis por ventura travado relações com esse digno instrumento das santas coleras maternas? Creio que sim, para vossa felicidade; desisto por isso de descrever e elogiar o que, supponho, já conheceis e tanto contribuiu para que eu desse gente.

Um dia chegava eu á sala da frente daquella casa onde hoje está installado o telegrapho e vi severamente applicado, com pulso maternalmente forte, um tremendo rabo de tatú em repetidos contactos ás carnes de meu irmão mais velho que tinha a fama de menino mais arteiro da Capellinha. Ou fosse solidariedade fraternal, ou fosse temor de entrar tambem na dança mais hoje mais amanhã—eu, depois de esconder-me fazendo-me menor do que era, emquanto passava a tempestade, furtei o rabo de tatú e corri enterral-o dentro do buracão. Pobre logica infantil da innocencia! Como si, desapparecido um rabo de tatú, não pudesse surgir outro até mais reforçado de encommenda ao Firmino, ao João Gato ou outro fabricante illustre.

Pois appareceu, e para mim: a policia domestica descobriu a falcatrua—não bem intencionada, coitadinho de mim! e, depois de inaugurar solemnemente um outro rabo de tatú novinho em... sola, tive que desenterrar o antigo e restituil-o á legitima proprietaria.

Ficaram assim dois: um para o Totoni que já tinha direitos adquiridos a elle e creio que con-

tinuou a usal-o, e outro mais novo e, portanto, mais duro—para mim que o conquistara graças á minha intervenção indebita.

Garanto-vos, meus amiguinhos, que antes intervir como Presidente da Republica nos Estados da federação que precisarem de tutela. . Pelo menos os bombardeadores de cidades nada soffreram e eu apanhei rijo e forte e rolei espavorido por aquella sala onde o Ascendino hoje taxa telegrammas, recebe para a Capellinha noticias do mundo e transmitte ao mundo as novas da Capellinha. Quereis um conselho? Nunca vos interponhaes entre as coleras celestes que descerem sobre vossos irmãos sob a fórma de um rabo de tatú manejado a tempo e á hora pelas vossas bondosas Mamães.

Castigar os que erram sempre foi obra de caridade reconhecida; portanto, atrapalhar mesmo de leve uma obra de caridade é quasi peccado. E depois a gente póde ir no arrastão e pagar tambem pelos outros...

Estaes ahi com uma grande vontade de me perguntar si naquella epocha havia em Capellinha meninos arteiros ou creanças malignas. Decerto havia; em todo caso, menos do que hoje: menos creanças e menos artes. O chefe dos chefes dos do meu tempo está aqui nos escutando. Foi elle quem em certa noite de sexta-feira da Paixão achou meios e modos de soltar na porta do cemiterio, sobre um bando de beatas que resavam, cabritos que traziam amarrados aos chifres pistolões vomitando chammas e lagrimas de polvora. Foi elle quem, presente um dia na pharmacia da terra, veniu chegar um honesto cabelludo á procura de polvora, informou a este que a polvora que alli se vendia já era servida... O bom do homem partiu desalentado para a sua grota, salvou-se talvez alguma saracura ou jacutinga—mas o bondoso pharmaceutico prejudicado teve impetos de recorrer ao rabo de tatú. E tinha direito de fazel-o.

Mas não foi elle, e sim o nosso actual delegado de policia quem, na porta da mesma pharmacia, encontrou uma taboa cheia de pilulas que seccavam ao sol, jogou-as todas fóra, sentou-se muito limpeiro e—interpellado pelo dono dellas, respondeu com uma carinha de innocencia: — «Mas eu pensei que era... de cabrito.»

Os meninos arteiros daquelle tempo recebiam, em compensação de tanta arte, pitos e sermões como os do Carlos Martins. Quando se procurava na mão delle pedra de fusil:

—Tem pedra de fusil, seu Carlos?

—Não tem não, senhor! Mas tem pé de moleque que é a mesma coisa!...

Quando o sermão ia continuar sobre os inconvenientes das pedras de fusil e vantagens do pé de moleque bem bichento, a gente já estava longe.

Como desfilam nitidas deante da minha saudade as figuras dos bondosos velhos que já se foram, em torno da veneranda figura patriarchal de meu Padrinho! Pedro de Paula, Chico Guedes, Major Pimenta, Juca Costa, Camillo Pimenta, Alberto Carlos, Totoni Senna, João Cordeiro, Bolé, Chico Telesphoro, Theophilo Fernandes, Homorato Cordeiro, Juca Senna, Heitor Soyer, os dois João Martins, Lydio de Araujo, Carlos Cordeiro, Correia do Salto, Mestre Massena, Luiz Gomes da Silva, Capitão Gondim — celebre cantador de lundús como aquelle da *Pulga maldita!*—Chico de Paula, Pedro Vieira Ottoni, João Gonçalves Senna, Theophilo Pires, pharmaceutico Mundinho, João Paulo Cordeiro, Pedro Gonçalves Senna, Janjão Campos, João Carapina, Professor Josephino, João Martins carpinteiro, Tio Felicissimo, Tio Nuno, Tio Thiago, meu Pae e tantos outros. Todos, parentes ou extranhos, tiveram uma palavra de encorajamento e de animação para o pequeno estudante, de applauso ou de agradecimento para quem o educava. Recebam todos nas suas memorias sagradas e pelos seus representantes na Capellinha de hoje as homenagens do meu affecto e da minha gratidão!

Como representantes vivos dessa geração de luctadores da Capellinha de hontem, aos quaes se incorporaram mais tarde outros benemeritos já desapparecidos tambem como Antonio Paulino Ribeiro e Leonardo Ribeiro — eu encontro commovidamente hoje o nosso venerando Mestre Clementino, João Alves, Tio Fulgencio, Juca Soyer, Totoni Baptista, Mestre Firmino, Felix Couy, Sebastião da Luz e o Major Joaquim Baptista. Este tão bondoso, tão leal, tão dedicado, tão simples, tão amigo! representa o traço sagrado de união entre a Capellinha de hontem e a Capellinha de hoje que elle governa e administra, constituida por essa rapaziada saudida que ahi está plantando, negociando, mineirando, trabalhando, construindo a Capellinha de amanhã que vós completareis e aperfeiçoareis, porque sois os obreiros do futuro, meus amiguinhos do Grupo Escolar!

Do Major Baptista eu só lamento o egoismo com que conserva sem communicar aos amigos a sua receita para não envelhecer...

Não quero falar-vos mais nem de mim, nem daquelles cuja lembrança me faz vir lagrimas aos olhos. Vae sendo hora de irmos para a sessão de cinema que nos offerece o nosso amavel Telesphoro Segundo, como complemento á festinha de hoje. Entre a Capellinha de hontem e a Capellinha de hoje ha uma porção de differenças que são melhoramentos, commodidades, aperfeiçoamentos da vida individual e da vida collectiva: o telegrapho, a villa, o grupo escolar—ou a rapidez das communicações do pensamento, a autonomia administrativa e a applicação local das rendas arrecadadas, a instrucção indispensavel organizada e ministrada com tanto carinho e competencia que eu peço licença para saudar enthusiasticamente vossas professoras e vossa Directora tão zelosas e dedicadas. Vejo neste Grupo uma coisa singular e altamente significativa: todas as professoras foram discipulas da Directora e esta pode assim ser dignamente chamada a mestra das mestras. Nem em toda parte se vê disso. Quando outro dia vim visitar-vos e ouvi cantados por vós os mesmos hymnos que tenho ouvido entoados pelas creanças do Sul, do Oeste, do Centro, do Leste e do extremo Norte da nossa Minas, senti uma profunda e doce emoção e tive orgulho de ser mineiro e brasileiro. Faltam-nos ainda algumas coisas: o fôro e a estrada de rodagem, a justiça proxima

e os transportes pessoaes e de mercadorias rapidos e baratos—vêm ahi muito perto. Teremos depois agua encanada, luz electrica, exgottos, um hospital para cuidar dos pobres e dos doentes, uma clinica que cuidará das creanças e de robustecel-as para os trabalhos da vida... Que mais? Não sei. Quem fez o que está ahi, quem pretende fazer o que não está feito? Tambem não sei. Perguntae aos vossos Papaes. Elles vos responderão talvez:—Foi o velho Coronel Coelho; foi o bondoso Vovô Coelho.

Voltamos assim ao ponto de onde partimos: o seu nome está merecidamente inscripto na frente desta casa de educação. Elle foi bom, foi energico, foi trabalhador: representa e synthetisa dignamente o passado. Os que aqui escreveram o seu nome procuram ser bons, justos, energicos, trabalhadores: synthetisam o presente. Construi vós mesmos o vosso futuro: sêde tambem bons, energicos, trabalhadores, esforçados. Conservae nos vossos corações-inhos, que se abrem para a vida como as corollas das flores se abrem para a luz, a memoria do Coronel Coelho que pensou em vós e trabalhou por vós—porque pensou no futuro da Capellinha e por elle trabalhou abnegadamente.

As virtudes essenciaes da creança são bondade, asseio e obediencia. Praticae-as com fervor. Quasi que se póde dizer que as tres se resumem na primeira — a bondade. Quando se póde affirmar com justiça de um menino que elle é bominho, é que tem as tres virtudes essenciaes incluidas na bondade: porque o asseio é a bondade para comsigo mesmo e a obediencia é a bondade para com os Papaes e os Mestres. Vamos fundar hoje aqui no Grupo uma Liga da Bondade. Sêde completamente bonsinhos, inteiramente perfeitos. E, si eu tenho direito de pedir-vos alguma coisa, peço-vos que, em lembrança de mim e do muito que vos quero, nunca mateis um passarinho. Os passarinhos são bons, asseiados e obedientes como as creanças; são as creaturinhas da Natureza; são creaturinhas feitas por Deus para alegrar o mundo, cantar e embellezar a vida. Porque matal-os? E' cruel e é injusto. E póde ser um sacrilegio. Quem sabe si no sabiá que vem cantar na laranjeira do fundo do quintal não está cantando a alminha gentil do irmãosinho que Deus levou e que lá do céu viu a Mamãe triste e com saudades e veio cantar para ella?

Sêde bons, meus meninos! Respeitae os pobres cantores alados!

Lembrae-vos um bocadinho de mim. Porque? Porque vos quero muito.

Crescei fortes e alegres; vivei felizes!

Deus vos abençoe!

IDÉA DE PATRIA

Traducção de José Altimiras

Dissertação sobre o fundamento natural do sentimento patrio, adaptada á intelligencia da infancia e acompanhadas de ligeiras reflexões que escapam á com prehensão infantil.

Em um vasto aposento, de portas e janellas cuidadosamente fechadas e onde prodigava a estufa o benefico calor, um ancião—de barbas brancas, digamos ao menos para embellezar o painel—dorme recostado á cadeira. De repente entra fazendo bulha o pequenino neto, inimigo irreconciliavel do silencio e perturbador constante dos ligeiros adormecimentos do vovô. Certo, o leitor já adivinhou o que foi pedir o netinho: é o que pedem sempre os netos—uma historia, a narração de um contozinho.

La historia, porém, habitual, passou o vovô a dialogar com o pequerrucho.

—Era uma vez... resmoneou o velho.

—Não, não, vovô; eu quero, antes da historia, que me explique uma cousa que não comprehendo.

—Que é? Diga lá.

—E' uma cousa de que hoje nos falou o mestre dizendo-nos que só a poderemos entender bem quando viermos a ser grandes e a ter bigodes. Eu mesmo não posso adivinhar porque é que meu mestre ao explicar-nos o que não percebemos, exprimia-se com uma voz tremula e cheia de commoção.

Não sei porque, vovô, quando terminou, crystallizou-se-lhe nos olhos uma lagrima!... Parecia que desejava chorar!... E emquanto falava, ficavamos calados, mui caladinhos... não tinhamos vontade de conversar e a despeito de não estar a nossa intelligencia no alcance do que dizia, ouviamos tudo com prazer, com muito prazer. Quero, agora, vovô, que me explique, o senhor que tanto sabe, isso de que nos falou o mestre. Repetia muitas vezes a palavra «Patria».

Desejava saber o que é a Patria.

—Ah! meu anjinho! bem quizera explicar-te o que é a Patria; não sei, porem, se posso, pois é tão difficil!...

E' difficil, queridinho, e só quando crescerem comprehenderás. Ha muitas cousas que se conhecem e entretanto escapam a qualquer explanação. Parece que a explicação está aqui, sim, aqui, no coração, tão no fundo, tão bem no fundo, que se nos afigura ser um pedaço mesmo do coração, e quando vem o desejo de manifestar a outrem o sentimento que experimentamos... fallecem as palavras, como se fossemos mudos: como se não pudessemos falar!...

E' verdade! Tanta cousa sentimos e tão pouco podemos dizer, tal a grandeza e formosura do pensamento! Sei, muito bem, o que é a Patria, mas não sou capaz de t'o explicar.

Vejamos: Talvez comprehendas...

—Tu me queres bem?

—Sim, muito e muito.

—De quem gostas mais?

—De quem?... da mamãe, do papae e do irmãozinho.

—Podias dizer-me porque gostas delles?

—Porque... porque... porque sim! Porque gostam tambem de mim, fazem-me caricias, dão-me brinquedos, mandam-me á escola... Porque vivo sempre juntinho delles, ninguem me trata melhor, porque me julgo satisfeito quando estou com elles...

—Muito bem! E esse teu amiguinho, com quem sempre brincas, esse ruivozinho que...

—Miguelzinho?

—Sim, Miguelzinho, de quem gostará elle mais?

—E... elle tambem, como eu, gostará mais da sua mamãe, do papá e dos irmãozinhos.

—Evidente! Porque seus paes e irmãos lhe querem bem, como os teus a ti, pois não é verdade?

—Ah! em toda casa deve ser assim, vovô.

As mamães, os papás e os filhinhos se entreamam, porque moram juntos... estão na mesma casa... são todos da mesma familia... teem que amar, vovô.

—Sim, teem que amar, não só porque convivem, porque se refazem do mesmo pão, porque se envolvem nas mesmas ledices como no mesmo penar, mas tambem por mais alguma cousa, por alguma cousa mais que te não direi porque não pódes comprehender... porque... entenderias se te falára de um «mesmo sangue»? se te disséra que és a prole do amor? entenderias? dize?... Nada felizmente, pois ainda és pequeno e teus olhos só se abrem para a alegria.

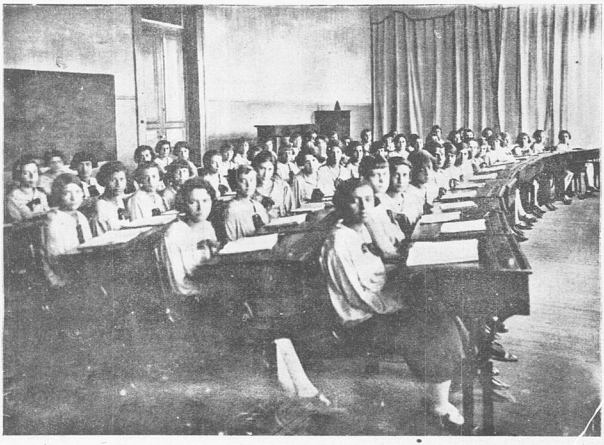
Sim, felizmente, porquanto não comprehender o mais, é signal de innocencia e a innocencia é a virtude primeira da creança.

Bem, bem, queridinho: não fiques aborrecido! Como teu avô é enfadonho quando te fala destas cousas obscuras, não é certo?

Sim, pirralho, já te vejo no rostinho o reflexo deste pensamento.

(CONTINÚA)

(*Da Revista «El Monitor de la Educación Comun» de Buenos Ayres.*)



Aula de musica — Escola Normal Modelo.

SECÇÃO RECREATIVA

FOLK-LORISMO

A YARA

(LENDA TAPUYA)

(Y—agua ARA—mulher)

Um dia, um jovem tapuyo (1), filho de um tuchaua (2), desceu numa ygara (3) até á corrente que banha a ponta do Turuman. Era um bello rapaz, o mais guapo mancebo da sua tribu. Valente e destemido como elle nunca se vira até então.

Ninguem manejava com mais destreza a sarabatua terrivel, cuja flecha certeira e infallivel cortava no meio do ar o vôo da aracuan. Ninguem brandia tão bem como elle o tacape e nem entesava o arco com elegancia e coragem.

Nos jogos que realizavam para celebrar as festas, a elle cabia invariavelmente a palma da victoria e deante delle curvavam respeitosos os proprios anciãos.

Era o orgulho da tribu e o digno successor do velho tuchaua, que tantas vezes levara a derrota aos ferozes Mundurucus (4).

Ora, um dia, o jovem tapuyo dirigiu-se, numa ygara, á pequena corrente que banha a ponta do Turuman.

Era por uma tarde esplendida e o sol, que já se recolhia por detraz de uma cellina coberta de espessa floresta, reflectia os seus ultimos raios nas aguas da bella bahia formada pelo Rio Negro.

O céo era limpido e trasparente e no horizonte as nuvens desenhavam uma orla de rosa e ouro. E a ygara do moço tapuyo fendia, ligeira, as aguas agitadas do rio. E o semblante do jovem tapuyo era triste como o canto da *kuimara*. Voltou já tarde da sua excursão, prendeu a ygara ao tronco de uma *mamaurana* e passou a noite sentado á porta de sua cabana, pensativo, taciturno, proferindo de tempos a tempos palavras entrecortadas, sem nexo. E a velha tapuya, que o amava com a ternura das filhas das selvas, chorava, ella tambem, em silencio, vendo a tristeza profunda que ensombrava o rosto do filho.

"Ouve, mãe, disse-lhe o mancebo, ouve, porque é só a ti que ouso contar as tristezas que me acabrunham... Era uma jovem tão formosa, tão formosa...como igual jamais vi entre as filhas de Manáos... A tarde era linda e ygara vogava, ligeira em direcção á ponta do Taruman...

Subito, ouvi um canto longinquo, como uma voz harmoniosa, que se confundia com o ciciar da brisa entre as folhas das palmeiras. E a ygara fendia, ligeira, as aguas do rio e as ondulações da voz que cantava chegaram-me aos ouvidos mais distinctas. E depois, eu vi... Como era bella, mãe! Como era bella a mulher que ahi se achava! Estava sentada á beira do rio. Tinha os cabellos loiros, como se fossem oiro, presos por flores de *murmuré* (5) e cantava, cantava, como nunca em dias da minha vida ouvi jamais cantar... Depois, ergueu para mim os olhos verdes, sorriu ligeiramente, estendeu-me os braços como si me quizesse enlaçar com elles e desappareceu cantando, nas aguas do igarapé, que se entreabriram para recebel-a... Mãe, como era deslumbrante a mulher que vi! Como eram deliciosos os sons da sua voz!"

Dos olhos da velha tapuya deslizaram duas lagrimas silenciosas, que abriram dois sulcos profundos no seu rosto bronzeado.

—"Filho, murmurou, não voltes ao igarapé do Turuman. A mulher que avistaste, filho, é a Yara! Seu sorriso, é a morte! Não escute a sua voz, para não ceder á sua fascinação".

E o jovem tapuyo, sentado á soleira de sua cabana deixou pender a fronte pensativa. No dia seguinte, ao pôr do sol, a ygara fendia, ligeira, as aguas do Turuman, levando o jovem tapuyo, esquecido dos prudentes conselhos maternos.

O que aconteceu depois, ninguem o sabe, porque ninguem o tornou mais a ver,

Mas, alguns pescadores narram que, passando pelo igarapé do Turuman, á noite, avistam sempre ao longe, uma figura de mulher a cantar, e, ao seu lado, a esbelta figura de um mancebo. E si acontece algum, mais ousado, delles se approximar, vê as aguas se entreabrirem e as duas figuras nellas se afastarem, estreitamente enlaçadas...

---

(1) Indio civilizado da Amazonia,
(2) Cacique, chefe de tribu.
(3) Especie de canoa.
(4) Cascata de Turuman, perto de Manáos.
(5) Nimphéa de genero *Victoria*, mas muito menor.

JOGOS ACTIVOS

BARRA

Os jogadores (de 10 a 20) dividem-se em 2 grupos e collocam-se a uma distancia de 30 metros, mais ou menos. Um jogador designado de um campo vem ao campo opposto pedir "BARRA" contra um dos jogadores. Este se colloca diante de seu adversario, pé contra pé, uma das mãos ás costas, a outra estendida para frente. O provocador dá 3 pancadas na mão estendida e foge perseguido pelo adversario. Começa, então, a lucta. Um dos jogadores do primeiro campo sáe em soccorro de seu camarada, procurando aprisionar o perseguidor de seu companheiro, sobre o qual elle tem barra (todo o jogador sahindo de seu campo depois de um adversario sahido antes, tem barra contra este e pode prendel-o). Um jogador só pode prender outro si tiver barra contra esse outro. Quando um jogador é aprisionado, a partida se interrompe; o prisioneiro vai

para o campo adverso e colloca-se a tres passos da linha de barra, com o braço estendido para seus camaradas, esperando que alguem venha livral-o, tocando-lhe na mão. Si ha diversos prisioneiros, elles ficam na linha, de mãos dadas. Um jogador, tocando a mão do primeiro, livra todos os outros. A partida é, então, recomeçada pelo que livrou os prisioneiros. Um jogador, passando a barra inimiga, sem ser preso e nella se refugiando, não pode ser ahi aprisionado; desde que saia, seus adversarios terão barra contra elle.

FLORES AO VENTO

Formam-se duas filas com as creanças. De um lado, ficam as flores e, de outro, o vento, devendo haver, entre estas distancias, de 5 a 10 metros ou mais.

As flores escolhem para si o nome de uma que lhes agrade.

Dado o signal, todas se approximam do vento, conservando 1 metro de distancia. Das creanças que formam a fila do vento, cada uma, por sua vez, diz o nome de uma flor. Si acertar, correm as flores, sendo perseguidas pelo vento. As que se tornarem prisioneiras, passarão para a fila do adversario.

CORRIDA CONTRARIA

Os alumnos formam-se em roda, sem darem mãos uns aos outros.

Um, porém, ficará do lado de fóra. Este, dado o signal, baterá nas costas de um dos da roda. Este ultimo correrá em sentido contrario ao pegador. Ambos se dirigem ao logar vago. O que lá chegar primeiro tomará parte na roda e o outro passará a ser o pegador, fazendo o mesmo que o anterior.

NOTA. Este jogo pode ser usado na escola, e a corrida será em redor das carteiras.

PEGADOR

Um menino será o pegador e ficará em logar determinado, -o pique.

Seus olhos serão vendados. Elle contará de 1 até 100. Emquanto isso, todos fogem e procuram se esconder. A hora em que disser 100, tirará a venda e dirá: "Eu vou!" Procurará os fugitivos. Logo que encontre algum, perseguil-o-á até o pique. Si o prender, dirá: "Preso!" Si o fugitivo chegar primeiro ao pique, dirá: "1, 2, 3, para mim." E estará salvo.

NOTA. Si alguem se esconder perto do pique, poderá se salvar, tocando-lhe a mão e dizendo: "1, 2, 3, para mim.

O pegador continúa procurando todos. Si levar muito tempo e não encontrar nenhum, dirá: todos que estão escondidos estão salvos e o primeiro que fôr preso torna-se pegador e o jogo recomeçará.

O ESQUILO

Formam-se os meninos em grupos - cada grupo com uma roda de 3 pessoas e uma outra dentro da roda - que será o esquilo sem morada. As pessoas na roda botam as mãos nos hombros das companheiras. A professora ou outra pessoa bate as mãos ou dá um apito e os esquilos trocam os logares. O esquilo sem morada, por sua vez, se esforçará para se alojar em um dos circulos, logo que os pilhe vagos. O que ficar por fóra passará a ser o esquilo sem morada.

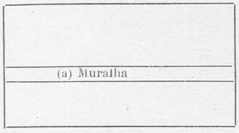
MURALHA CHINEZA

O pegador fica na supposta muralha (a). Os jogadores conservam-se do lado opposto.

Sem ordem ou sem signal, todos procuram atravessar a muralha, sendo impedidos pelo pegador. Si este conseguir prender alguem, o conservará em sua muralha que ficará, assim, augmentada.

Assim continúa .....

Um logar marcado como:



JOGO CHINEZ

Collocam-se, no chão, sapatos que tenham certa distancia um do outro.

Dado o signal, de cada partido sáe um menino pulando só com o pé direito; elle passa sobre cada um dos sapatos, pulando. Quando chegar ao ultimo, dá-lhe um ponta-pé (com o pé esquerdo), apanha-o e traz para frente. Continúa assim, procurando trazer para frente, o maior numero de sapatos.

Assim fará, até errar, isto é, deixar o pé esquerdo ir ao chão ou esbarrar nos sapatos, O 1.° será substituido pelo 2.° e assim por deante.

O partido que terminar primeiro, vencerá.

NOTA: São precisos fiscaes para cada partido.

O GATO E O RATO

Os alumnos, em circulo, se tomam pelas mãos, braços elevados e afastados. O alumno escolhido para ser o Rato corre para fóra do circulo, perseguido pelo Gato. Este é obrigado a passar por todos os logares por onde passou o Rato, por sobre os braços, pernas, etc..

Os jogadores não devem ser muito numerosos, afim de que todos possam correr, cada um por vez; si o Gato não puder prender o Rato, será substituido por outro jogador.

VIUVA

Ha meninos e meninas em 2 filas parallelas. Um, á frente, distante 5 metros das filas, dirá: Ultimo par! Este atravessará o campo á frente procurando se reunir de novo.

Quando passarem, pode o viuvo ou viuva procurar seu par, prendendo-o.

O que ficar só, passará a ser viuvo ou viuva. O par se esforça muito para reunir-se e o viuvo, ao mesmo tempo, faz todo possivel para tocar em um do par, para que elle não seja mais viuvo.

O GATO EM SEU CANTINHO

Cada gato está em seu cantinho, havendo um ao centro. Os de fóra trocam seus logares, podendo o do centro fazer esforços para ficar em algum canto que ache desoccupado. O que ficar sem logar passará ao centro. E o jogo continúa.

NOTA: No pateo, em vez de cantos, podem se usar arvores. O gato pode gritar "todos mudem" e todos têm de mudar os seus logares.

GATO DOENTE

Os alumnos formam-se em circulo. Dado o signal, o que se escolheu para gato, persegue os companheiros. Aquelle que fôr tocado ou preso pelo gato, colloca a mão sobre o logar tocado, perseguindo, em seguida, seus camaradas, nesta posição. A pessoa em quem elle toca torna-se gato doente. Dez minutos bastam para esse jogo, que é interessante pelas extravagantes posições em que são obrigados a correr os jogadores.

Este jogo é uma variação de péga-péga.

CHICOTE QUEIMADO

Os alumnos fazem um circulo e collocam as mãos ás costas (abertas). Um, tendo a mão, um lenço enrolado, o chicote, corre em torno do circulo e deposita o chicote na mão de um de seus companheiros. Este tem o direito de surrar o visinho da direita ou da esquerda (conforme a convenção), que se salva, correndo em torno do circulo, até voltar a seu logar.

O novo possuidor do chicote colloca-o, por sua vez, na mão de um de seus companheiros. E o jogo continúa....

Este jogo se acha em toda parte — Japão, Italia, etc.

É um dos mais antigos.

TREM DE FERRO

Os meninos dispersam-se pela sala; cada um escolhe para si o nome de uma das peças de que se compõe o trem de ferro. Dado o signal, um, á frente, dirá: Preciso fazer uma viagem, mas na machina, ha falta de...

O menino que representar esta peça se collocará em posição para formar o trem. Assim, todos serão chamados e se organizará o trem desejado; para isso, cada um colloca as duas mãos no hombro do que lhe ficar na frente. O trem se porá em movimento, até se occasionar algum desastre,

CAMINHO A JERUSALEM

Collocam-se as cadeiras em linha recta, em sentido contrario. Haverá tantas cadeiras quantos forem os alumnos menos um. Toca-se a musica. A' hora em que esta parar, todos se sentam. Um, porém, ficará de pé. Este sahirá do jogo e levará comsigo uma cadeira.

E o jogo continúa...

NOTA: Uma variação é formar um circulo e marchar com a musica. Um tapete será collocado onde todos têm de atravessar. Si a musica pára e uma ou mais pessôas estão pisando nelle, estes têm de sahir e os outros continuam.

CAMINHO A JERUSALEM (Variação)

Collocam-se no chão tantas paginas de jornal quantos são os alumnos, menos 1. Toca-se a musica. A hora em que esta parar, todos se sentam sobre os jornaes. Um ficará de pé, pois ha um jornal de menos. O que ficou de pé sahirá do jogo e levará comsigo um jornal.

E o jogo continúa...

PÉGA-PÉGA CONTRARIO

Os meninos formam-se em duas filas. Dado o signal, correm dois a dois, assim: um bate na mão do outro e ambos sahem correndo em direcções oppostas, devendo voltar ao logar de onde partiram. O que chegar primeiro, vencerá.

DOOGE BALL

Podem tomar parte neste jogo muitas creanças; estas se dividem em dois partidos, formando dois circulos; devem ter as mãos livres.

O juiz, com um relogio á mão, marcará o tempo. Dado o sigal, as creanças que estão ao lado de fóra jogam a bola ás que estão no interior do circulo; estas procuram escapar, quer pulando, quer correndo (dentro do circulo). A que fôr tocada pela bola sahirá para fóra. Assim continúa, até que saiam todas. O juiz marcará o tempo.

Depois, invertem-se as posições: as que estavam fóra passarão para dentro e vice-versa. Faz-se o mesmo. O partido que gastou menos tempo para tirar, do interior do circulo, seus adversarios, vencerá.

NOTA: Depois de exercitados, pode ser empregado maior numero de bolas, ao mesmo tempo.

SACCOS DE FEIJÃO

I

Forma-se uma roda. Haverá 3 saccos. Dado o signal, uns atiram os saccos aos outros, sem ordem na passagem dos mesmos.

Um alumno, ao centro, procura se apoderar dos saquinhos. Si o conseguir, passará á roda, vindo para o centro o que o atirou mal.

II

Forma-se uma roda. Haverá tantos saccos quantos forem os alumnos menos um. Dado o signal, cada um passa o sacco ao visinho, que o recebe com a mão esquerda, passa-o á direita e, dahi, ao companheiro da direita. Este movimento deve ser rapido, depois de algum exercicio. Quem deixar cahir o sacco, ficará assentado. O ultimo será o vencedor.

NOTA: — Para iniciar é melhor usar menos saccos.

III

Faz-se um circulo com todos os alumnos. Depois, estes se numeram: 1, 2 - 1, 2, etc... Dado o signal, o numero 1 atira o saquinho ao numero 1 e o n.° 2 ao n.° 2, etc... Este movimento pode augmentar a sua velocidade. Só se empregam 2 saccos.

IV

Traçam-se 2 circulos oppostos a cada uma das 2 filas de alumnos. Dado o signal, os primeiros atiram 6 saccos (1 a 1) nos circulos.

Conta-se 1 ponto para cada sacco cahir dentro do circulo e não tocar a linha. A fila que mais pontos fizer vencerá.

NOTA: Pode-se contar por pontos ou por tempo. Com muitas pessoas, pode-se ter mais fileiras ou columnas.

V

Ha uma taboa rectangular, com dois buracos quadrados, de tamanhos differentes. Os alumnos collocam-se a certa distancia, em columna. Dado o signal, cada um, por sua vez, atira 6 saquinhos de feijão (1 a 1) dentro dos buracos. Si acertar no menor, fará 10 pontos e, no maior, 5 pontos. Contam-se os pontos.

NOTA—Este jogo pode ser feito por partidos.

VI

Ao fundo do pateo ou da sala, collocam-se 3 caixinhas, umas dentro das outras, de modo que a 1.ª tenha 6 pollegadas quadradas e as outras augmentem proporcionalmente. A uma distancia de 3 ou 4 metros, ficam os alumnos em fileiras. Dado o signal, cada um atira 6 saccos de feijão (1 a 1), procurando fazer com que elles cáiam dentro das caixas. Quem atirar na menor, fará 15 pontos, na 2.ª 10 pontos e na 3.ª 5. Em seguida quem atirou os saquinhos irá buscal-os e os entregará ao immediato, etc.

A professora tomará nota dos pontos.

NOTA: Este jogo pode ser feito por partidos, collocando-se cada um de um lado da sala ou pateo.

SECÇÃO OFFICIAL

Directoria da Instrucção

Relação dos professores elogiados no mez de Setembro de 1925.

Por portarias:

Dia 3

Orozimbo dos Reis Moreira, de Divino, municipio de Ubá.

Dia 5

José Saturnino de Sousa, de Santa Barbara do Tugurio, municipio de Barbacena;

Maria Josephina de Andrade, de Algôa, municipio de Itanhandú;

Maria de Lourdes Gomes e Julia Gomes, de S. Sebastião da Estrella, municipio de Além Parahyba.

Dia 12

Casilda Nogueira de Carvalho, da cidade de Caxambú;

Maria Romano, de Inhapim, municipio de Caratinga;

Djanira Sampaio, de União, municipio de Barbacena.

Dia 28

Clotilde Framil, de S. José do Picu, municipio de Itanhandú;

Por officios:

Dia 1

Maria de Aquino, da cidade de Ubá.

Dia 2

Emilia Cerdeira, de Vera Cruz, municipio de Pedro Leopoldo.

Dia 8

Augusta Guimarães, da Villa de Guarany;
Alice Vasconcellos, da mesma villa;
Edith Carvalho » » » .

Dia 12

José Corrêa, Vianna, de União, municipio de Barbacena;

Blanche Eunice Gomes, da Cidade de Caxambú.

Dia 22

Maria Luiza de Araujo Moreira, Haydée Prado, Zilda Prado, Durvaleta Ferreira de Mello e Adelia de Barros Queiroz, do grupo escolar da cidade de Fructal.

Alice da Costa Mattos, de Remedios, municipio de Barbacena;

Manoel Jacintho da Silva Pontes, do grupo escolar de Fructal;

Dia 25

Henrique Del Castillo, da cidade de Santa Rita do Sapucahy;

Francisco Falcão, da mesma cidade.

Dia 28

Lupercio de Souza Rocha, da cidade de Baependy.